



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JULIO DE MESQUITA FILHO"
INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS E CIÊNCIAS EXATAS



Trabalho de Graduação
Curso de Graduação em Geografia

**FUTEBOL E URBANIZAÇÃO: A LÓGICA DE CENTRALIZAÇÃO E
CONCENTRAÇÃO DE CAMPEÕES BRASILEIROS**

Leandro Luís Lino dos Santos

Rio Claro (SP)

2021

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
Instituto de Geociências e Ciências Exatas
Campus de Rio Claro

LEANDRO LUÍS LINO DOS SANTOS

FUTEBOL E URBANIZAÇÃO: A LÓGICA DE CENTRALIZAÇÃO E
CONCENTRAÇÃO DE CAMPEÕES BRASILEIROS

Trabalho de Graduação apresentado ao
Instituto de Geociências e Ciências Exatas -
Campus de Rio Claro, da Universidade
Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho,
para obtenção dos graus de Bacharel e
Licenciatura em Geografia. Orientador: Prof.
Dr. José Gilberto de Souza.

Rio Claro - SP
2021

S237f

Santos, Leandro Luís Lino dos



**FUTEBOL E URBANIZAÇÃO: A LÓGICA DE
CENTRALIZAÇÃO E CONCENTRAÇÃO DE CAMPEÕES
BRASILEIROS** / Leandro Luís Lino dos Santos. -- Rio Claro, 2021
63 p. : tabs., mapas



Trabalho de conclusão de curso (**Bacharelado - Geografia**) -
Universidade Estadual Paulista (Unesp), Instituto de Geociências e
Ciências Exatas, Rio Claro

Orientador: José Gilberto de Souza

1. Geografia. 2. Geografia Urbana. 3. Urbanização. 4. Futebol. I.
Título.



Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca do Instituto de
Geociências e Ciências Exatas, Rio Claro. Dados fornecidos pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.

LEANDRO LUÍS LINO DOS SANTOS

FUTEBOL E URBANIZAÇÃO: A LÓGICA DE CENTRALIZAÇÃO E CONCENTRAÇÃO DE CAMPEÕES BRASILEIROS

Trabalho de Graduação apresentado ao
Instituto de Geociências e Ciências Exatas -
Campus de Rio Claro, da Universidade
Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho,
para obtenção dos graus de Bacharel e
Licenciatura em Geografia.

Comissão Examinadora

Prof. Dr. José Gilberto de Souza (orientador)

Prof. Dr. Fernando Rosseto Gallego Campos (Membro da Banca)

Prof. Dr. Hervé Thery (Membro da Banca)

Aprovado em, 04 de Agosto de 2021.

Rio Claro



Assinatura do(a) aluno(a)



Assinatura do(a) orientador(a)

AGRADECIMENTOS

No decorrer da jornada desses 5 anos de graduação, realizados na Universidade Estadual Paulista (UNESP) – Campus de Rio Claro, inúmeros fatos perpassaram minha vivência pelo curso de graduação em Geografia. Portanto, reservo este trecho do escrito para agradecer as figuras importantes que me marcaram neste período, uma vez que durante estes anos foi notório o amparo que obtive.

Primordialmente, gostaria de agradecer a minha família, que sempre esteve ao meu lado para me apoiar nas minhas decisões, apesar das discussões e dos conflitos existentes. Sempre estiveram presentes em minha formação, desde os tempos escolares, até a decisão universitária, portanto, é graças ao esforço de minha mãe e de meu pai, que usufrui de uma estrutura muito bem consolidada, que resultou na escrita desta obra. Deste modo, dedico a Célia Aparecida Lino dos Santos, a Luiz Menezes dos Santos, a Otávio José Lino dos Santos e a Ana de Andrade Lino, um agradecimento especial e abraços fraternos.

Na sequência dos agradecimentos, cito aqui o professor que me orientou neste trabalho de conclusão de curso, o professor doutor José Gilberto de Souza, que ao final da última aula da disciplina de Geografia Política escutou minha proposta de pesquisa, totalmente embasada num sonho muito distante da realidade da investigação geográfica que pouco olha para este tema, e abraçou-a. Ao aceitá-la, estabeleceu uma situação na qual eu pude desenvolver uma pesquisa sobre uma área pouco abordada na geografia, mas que é de meu profundo interesse. Além disso, somente de ter aceito minha ideia, foi de grande importância, pois vinha de um momento marcado por uma pesquisa mal sucedida, já que minha pesquisa anterior não progrediu do modo que eu esperava. Dito isto, demonstro gratidão para com o prof. José Gilberto de Souza pela orientação.

Já que tratei do âmbito da pesquisa, é impossível não tanger o Grupo de Estudos - Mundo Dentro e Fora das 4 Linhas (MDF4L), pois tal grupo de estudos é resultado de uma conversa desintencionada entre eu e o Jonathan Ferreira, na qual eu tratei de alguns devaneios que tive no decorrer do final de 2018, em decorrência da leitura do clássico livro de Eduardo Galeano – Futebol ao Sol e a Sombra, enquanto ele me abria o leque de oportunidades de pesquisa em futebol pela ciência geográfica, a partir daquele dia em diante, montamos e desenvolvemos este grupo que me dediquei de modo concomitante a minha monografia. Já

que citei nomes de pessoas do grupo, gostaria de dedicar um obrigado especial aos meus colegas Jonathan Ferreira e Caio Bernardo Gomes, por dispendere tempo e energia para a idealização, construção, e organização deste grupo de estudos maravilhoso, que almeja a progressão de análises geográficas acerca do futebol.

Durante o período da minha graduação, o tema do esporte é algo inevitável, visto que a pesquisa atual é voltada a uma interpretação geográfica de um esporte, o que evidencia como que os desportos permeiam a minha vivência, já que eu toco com um dos temas da tríade de “assuntos sagrados” para o senso comum brasileiro: Futebol, Política, e Religião. Portanto, pratiquei muito futebol neste período em Rio Claro, com algumas histórias de jogos das agremiações Velo Clube e Rio Claro, mas muito focado na prática do futsal na quadrinha da Unesp, além de participações esporádicas nos treinos de futsal, vôlei e de handball, e sendo assíduo frequentador dos treinos de Rugby, sendo todos estes promovidos pela Associação Atlética Ayrton Senna.

Dentre estes desportos, o Rugby foi aquele que mais marcou meu período de graduando, pois é um esporte que eu nem conhecia, somente tive contato na televisão em noites mal dormidas, e que, durante os anos de 2016 até o primeiro semestre de 2019, me proporcionou momentos esportivos fantásticos, guardados nas lembranças das amizades estabelecidas, dos treinos, das viagens para as partidas, e pelas medalhas da FUPE de 2017 e do Wally's 7's de 2018, além das rivalidades com o time de Rugby da UFSCAR e o pessoal do Locomotiva de Araraquara. Apesar da minha ausência nos treinos de 2019 e de 2020, gostaria de dedicar um muito obrigado por fazerem parte da minha trajetória para todos os componentes do Rugby Unesp Rio Claro (RURC), em especial à aqueles que puxaram os treinos (Ito, It, Canto, Japa), e à aqueles que eram a base do time quando em 2016 eu apareci para o meu primeiro treino (Fênix, Japa, It, Quitanda, Ito, Pé de Pano, Zito, Van, Adolfo, Regaça, Lessi, Maira, dentre outros). Vocês foram muito importante por semear a palavra do Rugby em outro praticante! 1, 2, 3 RUUUURRRRRRC!!!

Antes tarde do que nunca, não posso passar batido por aqueles que me aturaram diariamente, aqueles que escutaram minhas cantorias no banheiro, cozinha, sala, em qualquer lugar, aqueles que me acompanharam nas festas em Rio Claro, universitárias ou não, aos meus companheiros que acompanharam com maiores detalhes esses anos de Rio Claro. Sem

mais delongas, sou grato as repúblicas que morei, em especial a finada República Intão, que tive o prazer de ser seu componente entre a segunda metade de 2017 até o seu melancólico final em dezembro de 2020. Isto posto, sou grato as amizades dos ex-integrantes que continuaram após o fim da república (Alexandre Magnum Leme - Belo, Aryel Goes, Ruan Felipe Belzi Corrêa, Vinicius dos Santos – Tolima, Ivan Angelocci Filho – Latino, Luis Fernando Franzoni - Badim, Sebastian Balbin, Juliano Vasques Penalber Corrêa – Pará, Vinicius Rosenbaum - Migué, e Thiago Martins) pelos momentos vivenciados naquela casa, que ficaram imortalizados na minha memória, desde os dias que do absoluto nada saia alguma história massa, passando pelos churrascos, pelas festas, e primordialmente pela convivência diária. Além destes, preciso salutar também ao Rei, Renan de Moraes Ozello, e ao João Augusto Schiavottiello – Macarrão, que são amizades não advindas da república, mas que fazem parte da minha passagem da graduação, seja ela vivida no âmbito presencial ou no remoto. Um muito obrigado especial aos meus colegas!

Em suma, sou grato a todas as pessoas que marcaram estes 5 anos de graduação, seja no âmbito acadêmico, ou no âmbito pessoal, pois todas estas foram importantes para mim nesta etapa que se finda.

RESUMO

No que se refere ao cenário esportivo internacional, inúmeros desportos possuem grandes alcances, mas nenhuma modalidade dispõe da abrangência que o futebol desfruta. Muito reconhecido como um desporto popular, o futebol traz em suas partidas uma carga simbólica mais aprofundada, já que a sua prática é fruto da sociedade ao mesmo tempo que a compõe, refletindo em suas partidas os aspectos imbricados ao território produzido por esta mesma sociedade. Deste modo, com uma sociedade cada vez mais permeada por equipamentos urbanos, o futebol emula a disposição da hierarquia urbana vigente, uma vez que o futebol-espetáculo obedece a tal lógica. Portanto, ao observar as partidas é possível flagrar a centralidade de certos locais, que concentram a quantidade de participantes e de conquistas. Tal situação é demasiadamente vinculada ao cenário do futebol europeu, entretanto, esta conjuntura é muito influente nas demais escalas do mundo futebolístico, inclusive nos países do futebol sul-americano. Ao atentar para o caso brasileiro, a tão criticada centralidade é algo gritante, mas que é pouco tratada, pois esta foi forjada a semelhança da rede urbana do país, o que remete a gênese do processo de urbanização, que catalisou diversas desigualdades espaciais, inclusive a do futebol. Tendo isto em vista, este trabalho desenvolveu-se com o intuito de esclarecer o vínculo entre o futebol e o urbano, para explicar as dissemelhanças existentes no futebol nacional. Para tanto, sob o aporte de um embasamento teórico relacionado aos fenômenos da urbanização e da questão regional, em conjunto a informações econômicas, populacionais e futebolísticas, este trabalho traçou a influência da rede urbana brasileira no cenário do futebol nacional.

Palavras-Chave: Futebol. Hierarquia Urbana. Urbanização

ABSTRACT

With regard to the international sports scene, countless sports have great reach, but no modality has the breadth that football enjoys. Known as a popular sport, football brings in its matches a more profound symbolic load, since this practice is composed by society at the same time that it composes, reflecting in its matches aspects lapped to the territory produced by it. Thus, with a society increasingly permeated by urban equipment, football emulates a disposition of the current urban hierarchy, since the spectacle-football obeys this logic. Therefore, when watching the matches, it is possible to see the centrality of certain locations, which centralize the number of participants and achievements. This situation is too closely linked to the European football scene, however, this situation is very influential in other scales in the football world, including in the countries of South American football. When looking at the Brazilian case, the so criticized centrality is a glaring one, but it is little treated, due to the fact that it was forged to emulate the country's urban network, which refers to the genesis of the urbanization process, which catalyzed several spatial inequalities in the country, including football. With this in mind, this work was developed in order to clarify the link between football and the urban phenomenon, to explain the dissimilarities that exist in national football. To this end, based on a theoretical basis related to the phenomenon of urbanization and the regional disparity, together with information, about economics, population and football, this work traced the influence of the Brazilian urban network on the national football scene.

Keywords: Football. Urban Hierarchy. Urbanization

LISTA DE SIGLAS

- BNDE: Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico
- BNDES: Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social
- CBD: Confederação Brasileira de Desportos
- CBF: Confederação Brasileira de Futebol
- FIFA: *Fédération Internationale de Football Association*
- FNEM: Fórum Nacional de Entidades Metropolitanas
- IBGE: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
- IFAB: *International Football Association Board*
- MTE: Ministério do Trabalho
- PIB: Produto Interno Bruto
- PNAD: Pesquisa Nacional por Amostras de Domicílios
- PND: Plano Nacional de Desenvolvimento
- RAIS: Relação Anual de Informações Sociais
- REGIC: Regiões de Influência das Cidades
- RM: Região Metropolitana
- RMRJ: Região Metropolitana do Rio de Janeiro
- RMSP: Região Metropolitana de São Paulo
- RSSSF: *Rec. Sport Soccer Statistic Foundation*
- SEADE: Sistema Estadual de Análise de Dados
- SIDRA: Sistema IBGE de Recuperação Automática
- SUDAM: Superintendência do Desenvolvimento da Amazônia
- SUDENE: Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste
- UEFA: União das Associações Europeias de Futebol

LISTA DE MAPAS

- Mapa 1: Rede Urbana Brasileira
- Mapa 2: Áreas urbanas e os municípios participantes do campeonato brasileiro
- Mapa 3: Participação estadual no campeonato brasileiro de 2019

LISTA DE TABELAS

- Tabela 1: Municípios com a maior quantidade de estabelecimentos industriais (1990, 2000, 2010, 2019)
- Tabela 2: Ano de instalação das regiões metropolitanas brasileiras
- Tabela 3: PIB estadual – valor de mercado de clubes
- Tabela 4: Cidades campeãs do campeonato brasileiro
- Tabela 5: Popularidade dos clubes – Segundo as macrorregiões
- Tabela 6: PIB Estadual – Televisores em potencial
- Tabela 7: Receita bruta dos clubes participantes do Campeonato Brasileiro – 2019

LISTA DE GRÁFICOS

- Gráfico 1: Evolução dos Preços de Transferências (2011-2019)
- Gráfico 2: Evolução da População Urbana do Brasil (1940-2010)

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	1
CAPÍTULO 1: O FUTEBOL E A SUA RELAÇÃO COM O URBANO.....	7
CAPÍTULO 2: A REDE URBANA BRASILEIRA.....	14
CAPÍTULO 3: O FUTEBOL COMO EXPRESSÃO DA DESIGUALDADE REGIONAL BRASILEIRA	24
CAPÍTULO 4: FUTEBOL COMO REPRESENTANTE DO FENÔMENO URBANO	32
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	42
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	44

INTRODUÇÃO

Ao final do ano de 2019 o âmbito esportivo internacional vivenciou diversos feitos de grande relevância, dentre eles a realização da nona edição do mundial de *Rugby*, a ocorrência dos Jogos Pan-Americanos e do Mundial de Atletismo, além de inúmeros eventos preparatórios para as Olimpíadas¹. No tocante ao futebol, o ano de 2019 foi de grande importância para a modalidade visto que, neste período, ocorreram mudanças significativas no cenário futebolístico, como a introdução do árbitro de vídeo em jogos de clubes, a realização de edições comemorativas de certames consagrados, como as edições sexagenárias da Copa Libertadores da América e do Campeonato Brasileiro, além da consolidação do Futebol Feminino no cenário midiático mundial, uma vez que a Copa do Mundo Feminina comprovou o potencial televisivo da categoria, alcançando a audiência recorde de 1,12 Bilhões de espectadores ao redor do globo (MENDONÇA, 2019).

No que se refere ao cenário das competições entre agremiações, o ano de 2019 no futebol mundial foi marcado por embates inesperados nas disputas pelos principais certames, já que clubes com modesto poderio econômico rivalizaram com equipes munidas de abastados investimentos, considerando os confrontos entre *Tottenham* x *Ajax* (pelas Semifinais da *Champions League*); e *Atalanta* x *Internazionale* (disputa pelas primeiras posições do Campeonato Italiano) evidenciaram estas diferenciações econômicas que extrapolam as dimensões das quatro linhas, mas que ratificam máximas, aforismos ou lugares comuns do futebol: “no campo são onze contra onze”, ou “os pés e a zebra são os grandes segredos do futebol”. (MILLIET FILHO, 2009).

Em virtude de pelejas como essas, discussões acerca das disparidades econômicas dos clubes participantes de campeonatos se intensificam, sempre questionando a concentração dos campeões, haja vista que nos últimos 5 anos (2014-2019), dos 98 clubes integrantes das cinco principais Ligas de futebol (Inglaterra – *Premier League*; Espanha – *La Liga*; Itália – *Serie A*; Alemanha – *Bundesliga*; França – *Ligue 1*), somente dez clubes de nove cidades sagraram-se campeões, ou seja em 25 títulos disputados apenas 10 clubes se sagraram campeões, se considerarmos, um período maior estes números serão ainda mais

1 Em decorrência da Pandemia de COVID-19, a maior competição multidesportiva foi adiada para o ano seguinte, buscando amenizar a dispersão da doença, tal qual reportado pelo portal G1: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2020/03/24/primeiro-ministro-do-japao-pede-para-adiar-olimpiadas-por-um-ano.ghml>

desproporcionais. Tal concomitância entre a concentração e centralização dos títulos, num número cada vez mais restrito de competidores, decorre da entrada do desporto na dinâmica comercial que, em conjunto ao âmagio liberal e pouco regulador da entidade máxima do esporte (FIFA), culmina na formação de uma pirâmide organizacional do desporto (HELLEU, DURAND, 2007), que amplia a diferenciação e centraliza títulos e renda nos clubes com maiores investimentos, o que só faz ampliar tais desníveis.

Com o crescente alastrar deste processo, há o aflorar de questionamentos acerca do futebol, já que o seu tradicional entendimento como atividade lúdica, popular de diversão exaure-se, com a sua consolidação como um espetáculo de “entretenimento”. Ao adentrar nos moldes de uma cultura de massa, o futebol emerge como empreendimento, portando a característica de não revelar a sua articulação às lógicas de centralização e concentração capitalistas e como esse processo não corresponde aos processos de diferenciação e igualização geográficas estabelecidos nas estruturas urbanas, conforme apontado por Smith (2020).

Diante desta lógica organizacional do futebol, na qual as agremiações necessitam angariar capitais para a promoção de um plantel competitivo, os clubes advindos das maiores urbes se destacam na captação monetária, uma vez que se situam em locais de maior dinamismo econômico. Assim, o cenário dos clubes de futebol emula, em uma determinada escala uma hierarquia urbana e, uma outra geopolítica, denotando a centralidade de determinados polos de poder em uma tessitura urbana, que reflete as dinâmicas demográficas e econômicas urbanas e, no âmbito das macroestruturas dos investimentos, no futebol figuram como, um espelho em relação às lógicas de poder e centralização mundial do capital, o que se articula diretamente aos processos estruturais dos contratos, dos patrocinadores recebidos pelos grandes clubes de futebol e, imediatamente suas inserções, ou reiteradas participações nos campeonatos de maior projeção (HELLEU, DURAND, 2007).

Em decorrência do destaque do futebol europeu perante os demais, é muito comum escutar frases que ressaltam esta centralidade existente nas competições. Apesar desta forte associação existente, tal dinâmica também se faz presente pelas inúmeras esferas do futebol globalizado, permeando inclusive a América do Sul, contradizendo os argumentos que exaltam a diversidade de clubes candidatos a uma certa competição.

No que concerne o futebol da América do Sul, este fenômeno da concentração de agremiações se faz evidente tanto nas disputas dos campeonatos nacionais, quanto nas competições continentais, sendo este último tipo de competição aquela que mais exalta a

influência da hierarquia urbana no futebol, uma vez que a força de certas urbes brasileiras e argentinas se impõem perante as cidades de outras nações do subcontinente, assegurando a oferta de mais vagas à competição continental a estes países, em detrimento das demais (MASCARENHAS, 2014).

Ao adentrar o cenário futebolístico brasileiro, imediatamente há o contato com as mais diversas análises técnicas e táticas do modo de jogo das equipes, além de elencar quantos candidatos cada uma das competições terá, sobrando poucos espaços para outras análises sobre o futebol nacional. Um aspecto que carece de atenção, é aquele que tange a distribuição espacial deste desporto, uma vez que a realidade vigente no país emula a rede urbana brasileira, mais densa nas cidades do eixo Sul-Sudeste, em detrimento das demais. A edição de 2019 da Primeira Divisão do Campeonato Brasileiro exemplifica bem tal arranjo espacial, haja vista que das 20 equipes componentes, 12 delas provém de somente cinco centros urbanos, sendo todos eles do eixo Sul-Sudeste.

Este padrão de distribuição, no qual as urbes do Centro-Sul brasileiro usufruem de uma malha urbana muito mais desenvolvida, promove o fortalecimento de suas agremiações advindas de fora das capitais estaduais, restringindo o futebol das demais regiões do país somente aos clubes das capitais dos estados da federação. Théry (2006, P.9) pontua que:

Em cada estado da federação a maioria das conquistas é obtida pelas capitais, mas no Norte e Nordeste elas não têm concorrentes fortes (salvo João Pessoa, na Paraíba, ultrapassada por Campina Grande), enquanto no Sul e Sudeste diversas cidades médias obtêm resultados na mesma ordem de grandeza das capitais das regiões periféricas. Estas redes urbanas densas, às vezes causa e consequência do desenvolvimento mais equilibrado do Sul-Sudeste, se manifestam também nos estádios, cada cidade torcendo pelo sucesso de seu ou seus clubes.

Ao considerar esta disparidade de alcance dos clubes, a partir do prisma interpretativo da rede urbana brasileira, é possível explicar como as agremiações interioranas, de regiões dinâmicas, possuem troféus, conquistas, e melhores condições classificatórias para os torneios Sul-Americanos, apresentando relevância nacional, ao passo que clubes tradicionais de regiões periféricas tem seus horizontes de conquistas abreviados.

Tendo em vista tal realidade do futebol brasileiro, este trabalho busca compreender a relação entre a disposição espacial do cenário futebolístico nacional com o arranjo da rede urbana brasileira, com base na Primeira Divisão do Campeonato Brasileiro do ano de 2019. O principal intuito é assimilar a repercussão deste vínculo no âmbito dos triunfos das agremiações, almejando tanger o motivo da concentração espacial no eixo Sul-Sudeste, em especial entre as cidades de São Paulo e do Rio de Janeiro.

Um dos pontos essenciais para a realização deste trabalho, é no âmbito dos materiais e métodos utilizados na sua elaboração, que se destaca pela interpretação na qual a obra se alicerça, dito isto é necessário um aprofundamento no método materialista dialético, uma vez que o trabalho busca apropriar-se deste referencial em sua estruturação. Respalado na compreensão de que a realidade social é uma síntese de múltiplas determinações, na qual a construção de elementos explicativos determinantes sustentam a compreensão da mesma (MARX, 2011). O artifício teórico é interpretado como uma reprodução, num ambiente idealizado, das dinâmicas apresentadas no âmbito empírico (NETTO, 2011).

O processo do conhecimento, e, neste sentido, a premência do método, se realiza na distinção dialética entre fenômeno e essência, na circunscrição das formas transitórias e conjunturais do processo socioespacial, mostrando, ao mesmo tempo, suas imanências concretas. Esta decomposição (análise) do todo é elemento constitutivo do conhecimento. (SOUZA, FULINO, 2020, p.3.)

Assim, o futebol aparece como sendo o concreto da realidade, que se molda em um fenômeno urbano, sendo que as características deste segundo são determinantes e se materializam em capacidade explicativa do desenvolvimento e formas de expressão do primeiro.

Logo, este trabalho busca partir da situação corrente do futebol brasileiro, aprofundar-se e compreender a dinâmica urbana estabelecida como alicerce, para então retornar explicando suas manifestações particulares deste fenômeno social. Para tanto, este trabalho se embasa em referenciais teóricos elaborados por uma série de autores, englobando neste cabedal os estudos acadêmicos sobre o futebol como: Gilmar Mascarenhas; Marcos Guterman; *Richard Giullianotti*; Roberto da Matta; *Boris Helleu*; *Cristophe Durand*; Paulo Miranda Favero; Irlan Simões, dentre outros. Quanto aqueles que são referências na análise da dinâmica urbana, *Henri Lefebvre*; *Jean Lojkine*; Sandra Lencioni; Maria Encarnação B. Sposito; Milton Santos; *Michel Rochefort*; Roberto Lobato Corrêa, dentre outros.

Fundamentado nestes aportes teóricos, os dados aqui utilizados despontam com o intuito de auxiliar a elucidação da relação existente entre o cenário futebolístico e o urbano brasileiro, portanto, torna-se necessário o detalhamento dos dados e instrumentos utilizados na sua elaboração. No tocante aos dados econômicos usufruídos pelo trabalho, foram utilizadas três fontes para a sua obtenção, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) para o âmbito dos PIB's estaduais, a RAIS/MTE para a obtenção de informações acerca da quantidade de estabelecimentos industriais por municípios, e as projeções de valor de mercado dos clubes participantes do Campeonato Brasileiro – Série A para o ano de 2019, providos pelo site Transfermarkt – <https://www.transfermarkt.com.br/>.

Sobre a esfera futebolística, aspecto central na análise desenvolvida neste trabalho, tornou-se indispensável a utilização de dados da Confederação Brasileira de Futebol (CBF), pois são estes que atestam a concretude do futebol brasileiro, com as informações acerca dos participantes na edição de 2019 do certame, referências necessárias para o desenvolvimento dos aspectos geográficos imbricados.

Em relação aos dados tocantes a meios de comunicação, duas fontes supriram esta base de informações, o Sistema Globo de Comunicação, e o Instituto Datafolha. Com relação ao conjunto de dados disponíveis por veículo, a Rede Globo se notabiliza por prover a relação de televisores a serem alcançados por suas afiliadas², além de um levantamento histórico das competições nacionais³ (Campeonato Brasileiro, e Copa do Brasil), divulgado por intermédio de seu site esportivo – globoesporte.com. Quanto ao Instituto Datafolha, foi utilizada a pesquisa “Time de Preferência”, que busca identificar qual agremiação de futebol possui a maior torcida do país, para o ano de 2019⁴.

A partir deste rol de dados coletados, sistematizados na produção de tabelas e mapas, visou-se exemplificar os aspectos mais centrais da relação entre futebol e a estrutura urbana. Dentre as elaborações feitas, evidenciam-se a correlação de *pearson* (PIB Estadual – Televisores Potenciais), e os mapas apresentados.

Buscando um maior detalhamento das ferramentas usufruídas na elaboração do trabalho, a utilização de mapas se deu pela combinação de mapas autorais, desenvolvidos por meio da utilização do software Qgis na sua versão 3.10 “A Corunha”, além do emprego do mapa: Rede Urbana – 2018, advindo da edição de 2018 do REGIC, de autoria do IBGE. No tocante ao tratamento dos dados, foram utilizados os softwares *Libre Office Calc*, e o *BioEstat* 5.0, sendo o primeiro usado na produção das tabelas, e o segundo empregado nos cálculos da correlação de *pearson*.

Assistido por tais materiais, desenvolveu-se este trabalho, que divide-se em quatro capítulos. No primeiro capítulo apresentou-se uma reflexão entre o futebol e o fenômeno urbano, denotando como a hierarquia urbana permeia o cenário do futebol.

O segundo capítulo abarca as características da rede urbana brasileira, levando em consideração aspectos econômicos, demográficos, e financeiros, que fundamentam a esfera

2 Disponível em: <https://negocios8.redeglobo.com.br/Paginas/Brasil.aspx>

3 Disponível em: <https://globoesporte.globo.com/futebol/times/palmeiras/noticia/lista-de-titulos-dos-campeoes-brasileiros-ranking.ghml>

4 Disponível <http://media.folha.uol.com.br/datafolha/2019/09/17/77975ecbd43522f8fe59b29b8f93d09atdp.pdf> em:
junto com o histórico de pesquisas de tal seara, realizadas no Brasil.

urbana brasileira, e consigo o futebol. No tocante ao terceiro capítulo, há um resgate da “questão regional” brasileira, pois é a partir da emergência das disparidades regionais, que o fenômeno urbano brasileiro, de modo concomitante, condiciona e é condicionado por tais dissemelhanças. Por último, o quarto capítulo se desenvolve no intuito de estabelecer um diálogo entre o âmbito teórico, com a realidade vigente, por meio de um mergulho no histórico do futebol nacional, e como que estas conquistas se espacializam no país, a partir do prisma da hierarquia urbana brasileira.

Portanto, ao possuir tal alicerce, este trabalho busca se somar aos estudos geográficos, por meio de uma interpretação das determinações territoriais da rede urbana e seus desdobramentos sobre o futebol profissional brasileiro, neste sentido compreende-se as determinações como “estado” (situação) e movimento das atuações (práticas socioespaciais) dos agentes do futebol na demarcação de processos hegemônicos que se vinculam aos movimento de concentração e centralização expressas nas formas de produção do espaço.(SOUZA, BORGES, 2017).

CAPÍTULO 1: O FUTEBOL E A SUA RELAÇÃO COM O URBANO

O ano de 2019, no âmbito do futebol mundial, poderia ser entendido como um ano de ressaca, uma vez que no ano anterior ocorreu a competição mais prestigiada da esfera futebolística, a Copa do Mundo, evento desportivo responsável por um considerável inflame do volume de recursos econômicos destinados ao mercado esportivo, evidenciado pela movimentação de um montante de 657 milhões de dólares, relativos a benefícios remetidos a agremiações e associações nacionais (FIFA, 2019).

Na sua vigésima primeira edição, sediada na Rússia e conquistada pela seleção francesa, o mundial de futebol protagonizou o seu melhor desempenho econômico, excedendo as previsões estabelecidas pelo comitê organizador. Ao atingir um faturamento da ordem de US\$ 5,357 bilhões (FIFA, 2019), e mobilizar um total de 3,572 bilhões de espectadores (FIFA, 2018), esta competição evidencia a importância do futebol para a milionária indústria do entretenimento, que aborda este esporte como um dos seus principais produtos (SANTOS, 2017).

Apesar da reduzida dimensão de inversões, em comparação ao ano prévio, o ano de 2019 também foi destacado perante os demais, tendo em vista que houve eventos importantes à dinâmica do esporte em questão, influenciando suas mais diversas escalas. O principal expoente foi a implementação do árbitro de vídeo, que estendeu-se perante os níveis de grandeza do futebol mundial (Confederações Continentais, Federações Nacionais, Federações Locais). Por sua vez, cabe destacar que, a relevância do ano não se resume a este fato, pois ocorreram a Copa América, o Mundial Sub-20, além das edições sexagenárias da Copa Libertadores da América e do Campeonato Brasileiro⁵, que conferiram ao ano um atributo especial.

Esse dinamismo de atividades concorreu com as necessárias mudanças de calendários, em decorrência da presença dos campeonatos internacionais supracitados. Um processo que demandou a reorganização dos calendários da temporada, aliado a uma significativa

5 O Campeonato Brasileiro, por exemplo, com tal nomeação, remete-se ao ano de 1971, quando a Confederação Brasileira de Desportos (CBD) organizou a primeira edição do certame nacional de clubes. Contudo, desde 1959 já existiam campeonatos de cunho nacional (Taça Brasil, e o Torneio Roberto Gomes Pedrosa), deste modo, quando a Confederação Brasileira de Futebol (CBF), em 2010, oficializa os campeões nacionais pré-1971, a confederação admite o caráter nacional que estas competições exerciam, a época. Mais informações em: <https://conteudo.cbf.com.br/cdn/201210/2102238941.pdf>

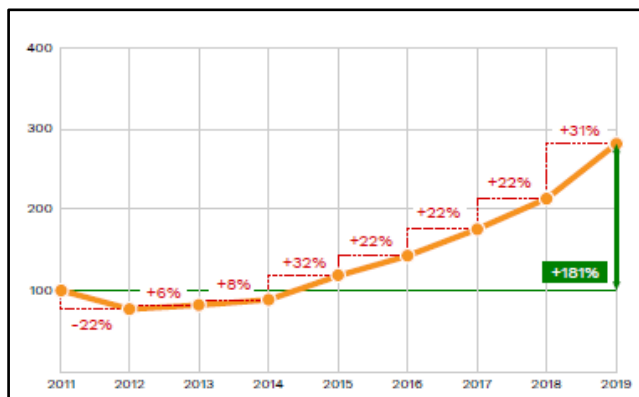
cobertura midiática perante os campeonatos, considerando que o futebol tornou-se o esporte mais popular do globo (MASCARENHAS, 2014).

No que diz respeito ao conjunto de campeonatos transmitidos, foram veiculadas notícias dos certames nacionais (Campeonato Brasileiro, Copa do Brasil, entre outros campeonatos equivalentes) e internacionais de clubes (Copa Libertadores da América, *Champions League*, Copa do Mundo de Clubes), além daqueles relativos às seleções nacionais, previamente abordados.

Com calendário estabelecido para a temporada, foi notável a transição das narrativas acerca deste esporte, uma vez que o entendimento do futebol enquanto uma “brincadeira” esvaiu-se, dando lugar a dimensões de atividade e cultura de massa. Ao assumir tal paradigma, por meio do entretenimento midiático dedicado a seus eventos, a inserção deste desporto na lógica de produção de valor é imediata, o que impacta diretamente o mercado de transferência de jogadores, uma vez que este ramo do futebol produziu uma inflexão positiva da ordem de 181% desde 2011, como pode ser observado no gráfico 1.

O aumento nos valores das transferências, e consequentemente, de sua importância, pode-se observar no desenvolvimento do mercado das transações de jogadores uma latente influência do fenômeno da mundialização econômica na dinâmica futebolística. Uma vez que, tornou-se comum nos últimos trinta anos testemunhar jogadores atuarem em diversos países, conseguindo até a naturalização, de modo muito mais fácil e cômodo quando comparado com outros trabalhadores, evidenciando a característica da permeabilidade seletiva dos fluxos (FAVERO, 2009).

Gráfico 1: Evolução dos Preços de Transferências (2011-2019)



Fonte: CIES – Monthly Report N.47

Este avultar dos fluxos, ocorrido nas últimas décadas, remete aos avanços técnicos obtidos pela revolução tecnológica nas áreas das telecomunicações e na informática, que ao proporcionarem uma maior rapidez nas trocas de informações, asseguram as condições para a internacionalização dos mercados sob o discurso da modernidade.

O desenvolvimento técnico, como uma esfera de produção que amplia a densidade de trabalho morto na sociedade capitalista, se concretiza no espriar de tecnologias, estabelecendo maior fluidez, garantindo na lógica do valor, a compressão dos tempos e dos espaços relativos (HARVEY, 1990, SMITH, 2020). Tal situação, favorece a produção e difusão de informações. Circunstância esta, comprovada pelo papel central que as informações atingiram, ao ponto de se tornarem o recurso mais valioso do globo (ECONOMIST, 2017)⁶.

Imerso nesta conjuntura, o urbano capitalista se notabiliza pelas mais diversas alterações em suas morfologias, mas que revelam, as várias transformações dos processos de produção do valor em seus dois movimentos fundantes a centralização e a concentração da acumulação (LEFEBVRE, 2008). Estes movimentos que alteram as morfologias dos espaços urbanos, como pudemos observar, são também marcadores das transformações e desenvolvimento do futebol.

Em decorrência de tal essência, não é de se estranhar que na urbe se desenvolva com maior aptidão o capitalismo mundializado, por meio de uma produção urbana voltada a garantia dos fluxos econômicos e informacionais, situação evidenciada pela vanguarda dos investimentos em cidades inteligentes, o que assevera uma construção da urbe como o local característico da função econômica da cidade, demonstrando adequação a dinâmica capitalista mais refinada (CARLOS, 2001).

Em virtude destas qualidades, as metrópoles se destacam, uma vez que são engendradas suas materialidades à intensificação dos fluxos, já que o rol de atividades econômicas urbanas ganham maior expressividade no desenvolvimento das atividades terciárias (comércio e serviços), ao passo que o aumento dos preços do solo urbano, em sua dinâmica de realização do valor, pela renda da terra expulsam as plantas fabris existentes, fazendo com que estes capitais industriais busquem localidades com menor inflexão de preços da terra, ou seja, nas franjas metropolitanas e ou nas pequenas cidades para a sua instalação (SOUZA, BORGES, 2019). Apesar da fuga do setor secundário, o espaço

6 Matéria disponível em: <https://www.economist.com/leaders/2017/05/06/the-worlds-most-valuable-resource-is-no-longer-oil-but-data>

metropolitano manteve-se como centralidade, perante as demais cidades, visto que o processo de descentralização industrial não é acompanhado pela descentralização do capital, assegurando o papel central da metrópole (CARLOS, 2001).

Levando em consideração o que foi exposto acima, entende-se que as mudanças causadas pelo processo de mundialização econômica alteraram a dinâmica das redes urbanas nacionais e internacionais. Estas modificações, que permeiam o papel exercido pelas metrópoles, são a materialização do processo de metropolização, que produz a difusão de características urbanas pelos territórios de modo conjunto a uma exacerbação da importância dos grandes centros, perante os demais centros urbanos, conforme Rochefort, (2002, P.7) assinala:

Certamente, as mutações econômicas recentes se traduzem em reforço das funções das maiores cidades de cada país e por uma transformação das redes urbanas interiores, mas provocando também novas formas de dominação de grandes metrópoles internacionais dos países desenvolvidos sobre os territórios dos países do sul utilizando a intermediação das maiores cidades destes países que hesitam à vezes a qualificar de metrópoles, as cidades que comandam, para guardar o termo mais neutro de megalópole.

Com base nesta situação urbana vigente, torna-se manifesto o aprofundamento da disparidade entre as mais diversas metrópoles, visto que a rede urbana condiciona e reflete a divisão territorial do trabalho, sendo impossível desassociar ambos (CORRÊA, 1994). Logo, as cidades alçadas ao pináculo da hierarquia urbana, são cidades que concentram elevados padrões tecnológicos e suas estruturas se integram a processos produtivos que ampliam a atração de capitais e potencializam tal processo em uma dinâmica de economia de aglomeração, sendo assim rotuladas como capitais mundiais, como os exemplos de Nova Iorque, Londres e Paris evidenciam.

Ao serem classificadas como centralidades de valor, há o estabelecimento de um ciclo virtuoso para estas cidades, pois suas potências econômicas, permitem a organização dos fluxos globais para estas, privilegiando-as perante as demais que não se encontram no mesmo nível de importância econômica, sendo relegadas a função de satélites (DI MÉO, 2008).

Deste modo, com a irradiação do capital globalizado e o fortalecimento da importância dos fluxos para a economia capitalista, a influência metropolitana perante os espaços limítrofes amplia-se, devido a sua produção voltada a promoção desses fluxos, assegurando o adensamento das tessituras urbanas sob a sua dinâmica, aprofundando sua centralidade (MASCARENHAS, 2014).

Não diferente do espaço urbano, o futebol⁷ também observa alterações em sua dinâmica devido ao processo de metropolização, que implica na adequação deste as condições do ecúmeno social global (HANNERZ, 1992, P.255). Em função de sua íntima relação com o urbano, este esporte opera como um espelho do processo de metropolização, emulando a crescente concentração e centralização de títulos numa quantidade moderada de agremiações. Tal situação é vigente perante as inúmeras competições deste desporto, principalmente nos certames mundializados (*Premier League, La Liga, Bundesliga, Ligue 1, Serie A* e a *Champions League*), que melhor evidenciam esta tendência em suas disputas. Demonstrado por Helleu, Durand, (2007 P. 8-9) para o caso europeu:

Os 84 títulos continentais concedidos entre 1975 e 2005 estão distribuídos entre 44 clubes de 38 cidades. No entanto, se essas equipes, sem dúvida, contribuíram para a história das Copas da Europa, estão longe de ser as únicas a participar dos jogos continentais. Assim, nas 52 federações da UEFA, 744 clubes de 525 cidades participaram pelo menos uma vez em uma das três Copas da Europa entre 1975 e 2005. A estrutura hierárquica parece lógica: quanto mais alto você se encontra na hierarquia urbana, menos cidades grandes, mas mais estas participam regularmente em competições continentais. Ao abrir as suas competições a pequenas cidades de pequenas federações (Andorra, Chipre, São Marinho, Ilhas Faroé, Cazaquistão, etc.), a UEFA procura promover os princípios de unidade e solidariedade.

Tal concentração espacial de títulos, muito identificada com o futebol europeu, também se faz presente do lado Sul-Americano, utilizando-se dos mesmos moldes, conforme Mascarenhas, (2014, P.181) ressalta:

Até mesmo a tradicional Taça Libertadores se modificou em favor da força metropolitana, isto é, do mercado: a partir de 1999, países como Argentina e Brasil passaram a ter, pelo menos, o dobro de vagas de seus vizinhos (até então, cada país sul-americano contava igualmente com duas vagas, independentemente de seu nível técnico), garantindo maior atrativo e rentabilidade à competição.⁸

A concentração de capitais nas cidades mais dinâmicas economicamente, é algo corrente no espaço urbano, uma vez que são estas as urbes que dispõem das melhores conjunturas para a promoção de circulação do capital, garantindo a estas cidades maior importância na rede urbana. Tal situação de aprofundamento da hegemonia de certas urbes, inflige ao futebol efeitos de grande monta, já que ao conceber este desporto como um dos

7 Com o reconhecimento das regras de *Cambridge* enquanto as fundantes do desporto, há em 1863 o surgimento do futebol como um esporte moderno, carregando o intuito de adequar a prática do *Folk Football* a emergente sociedade urbano-industrial Inglesa, já que a lógica vigente na sociedade Britânica da Revolução Industrial, não condizia com uma prática secular desregrada e muito demarcada pela violência dos tempos do medievo (IFAB, 2020).

8 Desde então, a distribuição de vagas para a Copa Libertadores da América alterou-se, aprofundando a disparidade descrita acima, pois o Brasil possui sete vagas, a Argentina possui seis vagas, ao passo que os demais países possuem quatro vagas para seus clubes. Mais informações em: <http://ge.globo.com/futebol/libertadores/noticia/2016/10/faqs-da-libertadores-o-que-voce-precisa-saber-sobre-novas-regras.html>

maiores geradores de renda na indústria esportiva e do entretenimento, a tendência a concentração de fluxos se replica para a esfera esportiva, reproduzindo nas competições o padrão onde as urbes mais proeminentes economicamente, tendem a concentrar os clubes mais vitoriosos e mais tradicionais de seus países⁹, no que concerne a escala continental e global (KENNEDY, KENNEDY, 2016).

Para o caso Europeu, temos Londres (*Chelsea, Arsenal, Tottenham Hotspur*), Madri (*Real Madrid, Atlético de Madrid*), Paris (*Paris Saint-Germain*), Munique (*Bayern Munchen*), Milão (*Milan, e Internazionale*). Já para o caso Sul-Americano, temos São Paulo (*Palmeiras, Corinthians e São Paulo*), Rio de Janeiro (*Vasco, Flamengo, Botafogo e Fluminense*), Buenos Aires (*Boca Juniors, River Plate, San Lorenzo*), Montevideú (*Nacional e Peñarol*), Santiago (*Colo-Colo, Universidad Católica, Universidad de Chile*).

Tal qual o processo de metropolização, esta tendência a centralização de um certo número limitado de esquetes que aspiram títulos relevantes, permeia as diversas escalas da esfera futebolística, emulando a expansão das características metropolitanas. Deste modo, observa-se a instalação de um seletivo grupo de equipes preparadas para a disputa de mais de um certo certame, os famigerados “grandes clubes”, que nomeiam-se como a elite de clubes nacionais, sendo que esta exaltação de um número reduzido de agremiações faz com que as diferenças internas do país sejam representadas pelo jogo.

Este processo de concentração de sucessos esportivos em clubes metropolitanos, tange ativamente a realidade brasileira, de modo a exaltar em demasia as macrorregiões Sudeste e Sul, relegando as macrorregiões Nordeste, Norte e Centro-Oeste, a angariar voos mais modestos no que se refere a títulos e competições, uma vez que estas últimas possuem menos recursos e menor importância política na composição da Confederação Brasileira de Futebol (CBF). Portanto, pode-se entender a distribuição do futebol no território Brasileiro como um reflexo da sua hierarquia urbana.

Significa dizer que para uma análise mais profunda do futebol Brasileiro, em relação a concentração de títulos e torneios, é fundamental entender o processo de urbanização nacional, pois é a partir deste fenômeno que se desenham as relações capitalistas no espaço brasileiro, marcado amplamente pelas desigualdades econômicas. Com o esclarecimento dos processos intrínsecos à urbanização Brasileira, pode-se compreender de modo mais apurado

9 Em vista da interpretação econômica do futebol vigente, a tendência é de concentração dos clubes hegemônicos em grandes metrópoles. Todavia, existem casos de grandes centros urbanos internacionais que não possuem agremiações futebolísticas de importância, tal qual nas cidades de Berlim (*Union Berlim, e Hertha Berlim*), Pequim (*Beijing Guoan*), Tóquio (*Tokyo Verdy*).

como que o futebol se mostra como um reflexo desta espacialidade urbana hierárquica nacional.

Tendo isto em mente, a análise perante a disparidade dos clubes, é somente um prisma de observação da diferença estabelecida entre as cidades, uma vez que o sucesso dos clubes relaciona-se com a importância das urbes no que tange aos aspectos político-econômicos nacionais. Portanto, a situação atual de concentração de títulos no seio do finado Clube dos 13¹⁰, nada mais é do que um enfoque esportivo perante a conjuntura da hierarquia urbana, intrínseca ao cenário futebolístico brasileiro.

10 Clube dos 13: Organização independentemente entre as agremiações que aglutinavam entre 80% a 90% dos adeptos de futebol no Brasil, criada durante a década de 1980, visando ser um poder rivalizador à CBF. Devido a esta grande concentração de torcedores, e de títulos, o grupo intitulou-se como os treze grandes clubes do país. Seus membros fundadores foram: Flamengo, Corinthians, São Paulo, Palmeiras, Vasco, Santos, Fluminense, Botafogo, Cruzeiro, Atlético-MG, Internacional-RS e Grêmio e Bahia. O grupo acumula 56 títulos do Campeonato Brasileiro, 25 edições da Copa do Brasil, todos os títulos da Copa Libertadores do país, e metade das conquistas da Copa Sul-Americana. Atualmente, a organização foi dissolvida.

CAPÍTULO 2: A REDE URBANA BRASILEIRA

Na essência do urbano brasileiro, as cidades de São Paulo e do Rio de Janeiro destacam-se num universo de 5570 municípios, marcando presença nos mais diversos campos da sociedade, desde a produção midiática, até o cenário esportivo, passando pela disposição de infraestruturas e pelo reconhecimento internacional, devido às suas amplas áreas de influência e seus papéis de centralização e concentração de capitais. Elas são responsáveis por 9,04% da população nacional (IBGE, 2018), e são aquelas mais influentes na dinâmica urbana brasileira. Apesar da importância destas, cidades como Belo Horizonte, Porto Alegre, Brasília, Manaus, Salvador, dentre outras, também figuram como cidades de destaque, ainda que não resultem desdobramentos da mesma natureza e ou magnitude econômica e no seio futebolístico.

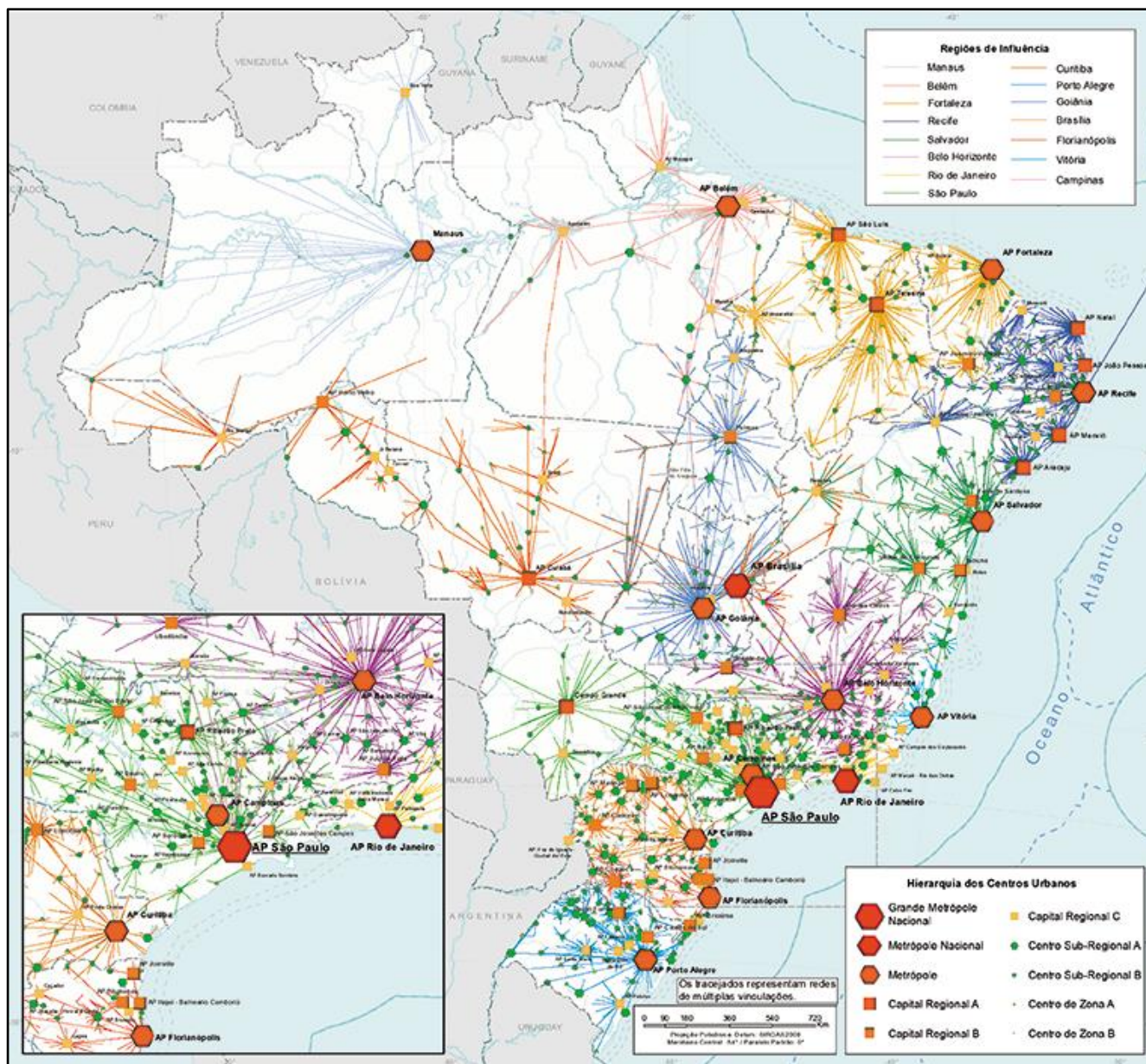
A condição de principais metrópoles¹¹ brasileiras, demonstra o grau de importância dessas cidades, haja vista que tais urbes possuem uma maior área de influência espacial, possibilitada pela garantia facilitada aos fluxos econômicos, evidenciado pela oferta de serviços de maior especialidade (SPOSITO, 1988), e pela maior permeabilidade a capitais, participação econômica de suas regiões metropolitanas, uma vez que acumulam 63% das sedes de grandes empresas (nacionais e internacionais) instaladas no país, ao passo que outras metrópoles sediam os 37% restantes, de modo atomizado (SEADE, 2014). Além de suas cidades-sede, serem responsáveis por 15,4% do PIB nacional (IBGE, 2018)¹².

Logo, ao considerar tal preponderância econômica, não é de se estranhar o papel de superioridade das cidades de São Paulo e do Rio de Janeiro na rede urbana brasileira, tal qual pode ser visto no mapa 1.

11 Para a elaboração deste trabalho, foi utilizado o estudo de regiões de influência das cidades (REGIC) – IBGE como referência, uma vez que esta obra tem como o propósito de analisar a hierarquia urbana brasileira, evidenciando as categorias de classificação existentes. No que se refere a categoria de metrópole, há três subdivisões, a Grande Metrópole Nacional (São Paulo), a Metrópole Nacional (Rio de Janeiro e Brasília), e a Metrópole (Belém, Belo horizonte, Manaus, Campinas, Curitiba, Fortaleza, Goiânia, Porto Alegre, Recife, Salvador e Vitória).

12 Informações extraídas do Sistema IBGE de Recuperação Automática - (SIDRA)

Mapa 1: Rede Urbana Brasileira – 2018



Fonte: Regiões de Influência das Cidades – REGIC (IBGE, 2018)

Este destaque, perante as demais urbes nacionais, é conferido pela combinação entre a posição de evidência econômica que tais cidades dispõem por melhor atender à lógica capitalista corrente, com a parcela significativa da população urbana residente nestas cidades (CORRÊA, 1994). Esta hegemonia econômica, advém da maior concentração de fluxos de pessoas, mercadorias, informações e capitais, o que confere grande importância das atividades do setor terciário, denotando a maior quantidade de tecnologia embarcada em suas esferas urbanas (LENCIONI, 1991).

Ao levar em consideração estas características, é possível observar que no decorrer dos anos, o caráter industrial intrínseco dos grandes centros diminuiu, uma vez que o intenso

adensamento urbano induziu à fuga das fábricas, que sempre almejam localidades economicamente viáveis, no que diz respeito ao preço da terra, para a instalação da sua planta fabril. Como consequência do processo de desconcentração industrial, os fluxos de capitais alcançaram grande predominância, visto que a troca de informações emerge com a dimensão de maior magnitude econômica. Este aflorar econômico das informações, manifesta-se na rede urbana brasileira de modo a assegurar a concentração dos capitais nas principais metrópoles, que ao concentrarem as atividades econômicas mais dinâmicas mantêm-se como fulcrais para o espaço urbano nacional.

Com o estabelecimento desta centralidade na rede urbana, é muito evidente a influência paulistana e carioca no espaço brasileiro, conforme consagrado pela expressão: “eixo Rio-São Paulo”. Portanto, para entender melhor o porquê de tal centralização, é necessário um mergulho no processo de urbanização, pois é a partir deste que há a instituição das supracitadas cidades como os principais centros urbanos do país.

O processo de urbanização brasileiro, ocorrido a partir da década de 1940, decorreu em sincronia com o processo de industrialização. A simultaneidade dos fenômenos ocorreu porque tais dinâmicas se consolidaram como base da composição da sociedade capitalista urbano-industrial, na qual a indústria representa o papel da produção e reprodução das relações capitalistas, e a urbanização¹³ é voltada à adequação da vida social para tal atividade capitaneada pelo setor secundário (LEFEBVRE, 2008).

Dito isto, é sob uma conjuntura de baixa integração nacional que o país inicia a modernização de seu espaço nacional, por meio do alastrar dos processos de urbanização e industrialização, almejando o estabelecimento de um mercado interno para atenuar a dependência internacional.

Sustentado num discurso progressista, a implantação das modernidades urbano-industriais no espaço nacional não aconteceu de modo equânime, o que realçou as disparidades inter-regionais existentes. Enquanto que certas localidades se estabeleciam como polos industriais, diversos outros locais mantinham sua posição de subordinação aos primeiros, conferindo a estes últimos a função de depósito de mão de obra. Conforme Vale, Lima, Bonfim, (2012, P.23) corrobora.

13 Foi considerado para o desenvolvimento deste trabalho, o período entre os anos de 1990-2019, em decorrência da consolidação das influências financeiras na esfera urbana, já que neste intervalo temporal ocorreram profundas alterações ao urbano, privilegiando a circulação econômica. Além desta importante influência, o período em questão também é marcado pela expressividade financeira exibida pelo futebol, influenciando de maneira indireta nas cidades.

Estabelece-se o seguinte esquema: o Brasil é país periférico e dependente dos grandes centros econômicos dos países centrais; no interior do país, algumas regiões permanecem em seu papel de depósito de mão de obra para os polos industriais; a região por sua vez desenvolve o mesmo círculo, mantendo ao mesmo tempo áreas desenvolvidas e subdesenvolvidas, umas subordinadas às outras. Repete-se desse modo, o esquema da dependência que perpassa os países, as regiões e até os próprios municípios.

Logo, em decorrência da sobreacumulação experienciada em ciclos econômicos anteriores, São Paulo e Rio de Janeiro emergem como os principais expoentes do processo de urbanização brasileiro, uma vez que ambas as cidades puderam compor uma situação favorável à adequação de suas estruturas urbanas às exigências da divisão social do trabalho imposta pela dinâmica industrial incipiente (LOJKINE, 1981).

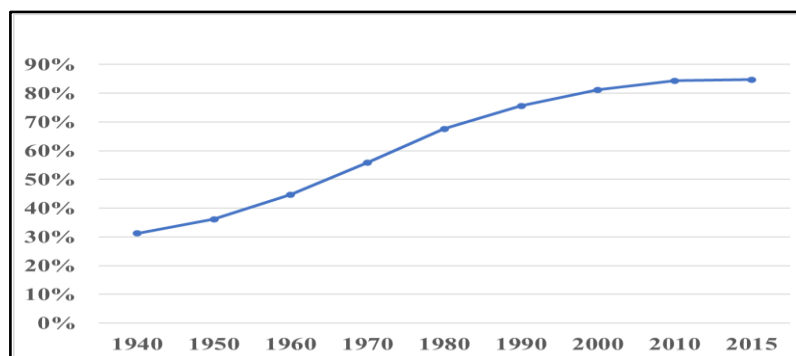
A partir de tal predominância, o estabelecimento de uma rede urbana no país ocorreu fundamentada na concentração espacial, na qual as cidades das porções Sul-Sudeste do país sobressaíram-se perante as demais, especialmente as supracitadas, em decorrência do dinamismo econômico encontrado nestas. Com o intermédio de políticas nacionais, como as duas edições do PND¹⁴, tal situação consolidou-se, uma vez que o Estado brasileiro almejou o fortalecimento da produção industrial nacional, que aprofundou as dissemelhanças existentes pela emergente metropolização precoce no urbano brasileiro (ABREU, 2009, LIPIETZ, 1989).

Este processo é demarcado por dois aspectos centrais: o primeiro, relativo ao Rio de Janeiro, que ao sediar a capital nacional até o ano de 1960, foi de fundamental importância a urbanização nacional, pois concentrou em seus limites as infraestruturas federais responsáveis pela gestão nacional, além de ter figurado como principal centro financeiro do país (VERSIANI, 1993). O segundo, no caso de São Paulo, a destacada importância estadual no período cafeeiro foi fulcral para o acúmulo de capitais a serem investidos na indústria. Com o pioneirismo na adoção do trabalho assalariado, a sua inserção a dinâmica industrial foi facilitada (CANO, 2007), garantindo a atual capital paulista o seu crescimento pujante, pois a cidade de São Paulo emergiu como o local ideal as inversões industriais, devido a sua adequação as plantas fabris e pela gama de infraestruturas existentes.

14 PND – Plano Nacional de Desenvolvimento. Nomenclatura utilizada para se referir aos planos econômicos desenvolvidos no decorrer da década de 1970, através de duas edições, a primeira de 1972 a 1974, e a segunda entre os anos de 1975 e 1979. Implantados no território brasileiro com o intuito de fortalecer o desenvolvimento industrial corrente, estes se pautaram em inversões direcionadas ao incentivo deste setor, mediante oferta de crédito, para o ramo das indústrias pesadas e aos setores de bens de capital da eletrônica pesada (ABREU, 2009).

De fato, o fenômeno urbano brasileiro ficou marcado por ter ocorrido de modo muito acelerado, uma vez que este foi responsável pelo acréscimo anual de 2.378.291 pessoas à esfera urbana durante a segunda metade do século XX, totalizando aproximadamente 43 milhões de pessoas, entre migrantes e seus descendentes diretos (CARVALHO, GARCIA, 2003; RIBEIRO, SILVA, RODRIGUES, 2011). Conforme apresentado no gráfico 2.

Gráfico 2: Evolução da População Urbana do Brasil (1940-2010)



Fonte: Autor com base em (IBGE, 2010, 2015)¹⁵

Apesar do volume populacional, este vultuoso incremento estatístico observado não se distribuiu pelo território nacional de modo regular, uma vez que o fluxo migratório correu em direção as cidades do Rio de Janeiro e de São Paulo, em decorrência de seus equipamentos urbanos e a sua centralidade econômica, endossando a heterogeneidade do processo de urbanização brasileiro, que pode ser melhor observado no tocante a esfera estadual, uma vez que no ano de 2015 estados como o Maranhão (59,6%), Piauí (67,1%), e Pará (68,5%) apresentavam as menores taxas de urbanização, enquanto as unidades federativas do Rio de Janeiro (97,4%), São Paulo (96,6%), Distrito Federal (95,3%) aglutinavam parte significativa de suas populações em áreas urbanas (IBGE, 2015).

À vista desta disparidade intrínseca da urbanização brasileira, esta consolidou as dissemelhanças vigentes ao permear maiores áreas do espaço nacional, já que as infraestruturas do urbano concentraram-se em poucos pontos, acentuando a importância destes em detrimento dos demais (RIBEIRO, SILVA, RODRIGUES, 2011).

Diante desta conjuntura, as Regiões Metropolitanas de São Paulo (RMSP) e do Rio de Janeiro (RMRJ) rapidamente aprofundaram seus papéis, uma vez que a convergência dos investimentos industriais somados aos movimentos migratórios asseguraram suas atribuições

15 Tais dados são originários da série histórica do Censo, disponível para o intervalo entre as décadas de 1940 a 2010, advindas do banco de dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE. Já para o valor utilizado em 2015, foi empregue o valor da Pesquisa Nacional de Amostras Domiciliares (PNAD), de autoria do mesmo instituto.

vitais para o fenômeno urbano, compelindo ambas a um incremento de suas dimensões de influência, tal qual pode ser comprovada pela participação de suas RM's na população urbana nacional, já que estas tessituras metropolitanas assentam aproximadamente 19,3% de toda população urbana (IBGE, 2019).

Esta grande magnitude, perante as demais cidades brasileiras, é decorrente da concentração da esfera urbana que, por meio do fluxo migratório ocorrido durante a segunda metade do século XX, estabeleceu a macrocefalia atual observada nas cidades do Rio de Janeiro e de São Paulo. Situação de replicação improvável em outras RM's brasileiras, pois não há mais crescimento vegetativo populacional, nem volume migratório o suficiente à disposição (BRITO, PINHO, 2014).

Logo, ao considerar a relevância destas para o urbano brasileiro, é inevitável considerá-las como metrópoles, uma vez que são cidades que difundem o ideário urbano nacional vigente, convergem qualidades necessárias para o desenvolvimento do modelo urbano-industrial, e induzem a concentração populacional urbana, situação ainda muito evidente na atual rede urbana (LIPIETZ, 1989; CORRÊA, 1994).

A partir desta influência metropolitana, respaldada na centralidade industrial, a dinâmica urbana brasileira altera-se no decorrer dos decênios devido às mudanças produtivas suscitadas pelo processo de desconcentração industrial, que favoreceram a irradiação da atividade fabril para uma parcela maior do território brasileiro. Conforme a tabela 1 ressalta.

Perante o suceder dos anos, o cenário industrial brasileiro sofreu importantes mudanças em sua distribuição espacial, uma vez que na década de 1990 as cidades de São Paulo e do Rio de Janeiro concentravam parcela significativa dos estabelecimentos fabris, enquanto que no ano de 2019, a participação destas foi abreviada em detrimento do crescimento de locais como Manaus e Joinville. Este movimento nas estatísticas industriais, indica o deslocamento fabril para localidades fora dos grandes centros, uma vez que a combinação dos aumentos no preço da terra urbana, no aluguel, e nos salários relativos, apresentaram-se como deseconomias de urbanização (DINIZ, 1993).

**Tabela 1: Municípios com a maior Quantidade de Estabelecimentos Industriais
(1990, 2000, 2010, 2019)**

Municípios	2019	%	2010	%	2000	%	1990	%
São Paulo	420.376	5,32	615.019	7,24	26.451	10,36	31.079	15,48
Rio de Janeiro	190.052	2,41	233.802	2,75	6.855	2,69	9.513	4,74
Manaus	100.487	1,27	118.431	1,39	1.001	0,39	682	0,34
Guarulhos	93.738	1,19	122.440	1,44	1.951	0,76	1.610	0,80
Curitiba	93.066	1,18	121.940	1,43	3.658	1,43	3.164	1,58
Joinville	78.656	1	75.286	0,89	1.505	0,59	812	0,40
Belo Horizonte	78.240	0,99	103.088	1,21	5.018	1,97	4.885	2,43
São Bernardo do Campo	75.368	0,95	102.141	1,20	1.279	0,50	1.163	0,58
Fortaleza	71.388	0,90	93.623	1,10	3.552	1,39	2.111	1,05
Caxias do Sul	64.584	0,82	88.425	1,04	2.492	0,98	1.733	0,86
Campinas	52.933	0,67	65.822	0,77	1.838	0,72	1.631	0,81
Goiânia	50.455	0,64	57.189	0,67	3.208	1,26	1.809	0,90
Recife	42.420	0,54	50.118	0,59	1.852	0,73	1.525	0,76
Porto Alegre	38.308	0,48	62.253	0,73	2.841	1,11	2.946	1,47

Fonte: Autor com base em dados da RAIS/MTE

Com a intensificação das alterações produtivas, a metrópole modifica-se, deixando para o passado suas características produtivo-industriais, em detrimento do desenvolvimento de condições e infraestruturas voltadas a reprodução do capital, por meio da expansão de seus domínios territoriais, configurando aglomerações cada vez mais extensas e descontínuas sobretudo pelas lógicas de centralização e concentração em que as demandas se vinculam as tecnologias de informação e comunicação, portanto serviços, que passam a responder pelos dinamismos destas espacialidades urbanas (LENCIONI, 2011). Fundamentado nestes pilares, o processo de metropolização ocorre de modo dubio, por meio da ampliação da influência espacial das grandes cidades e de suas aglomerações urbanas, ao mesmo tempo em que há a emergência de novas aglomerações no interior do país (MOURA, CINTRA, 2011).

Deste modo, com o permear cada vez mais intenso desse processo, o alastrar dos ideais voltados à facilitação do capital pela urbe encontra uma conjuntura que respalda a sua expansão, já que a combinação da assinatura da constituinte de 1988 e a implantação de políticas neoliberais, prioriza tal perspectiva. Não à toa, o número de legislações que

institucionalizaram Regiões Metropolitanas (RM) aumentaram vertiginosamente. Conforme pode ser observado na tabela 2.

Tabela 2: Ano de Instalação Regiões Metropolitanas Brasileiras

Região Metropolitana	Unidade da Federação	Ano de Criação	População
São Paulo	SP	1973	21.734.682
Belo Horizonte	MG	1973	5.961.895
Porto Alegre	RS	1973	4.340.733
Fortaleza	CE	1973	4.106.245
Recife	PE	1973	4.079.575
Salvador	BA	1973	3.929.309
Curitiba	PR	1973	3.654.960
Belém	PA	1973	2.510.274
Rio de Janeiro	RJ	1974	12.763.459
Aracaju	SE	1995	961.120
Baixada Santista	SP	1996	1.865.397
Natal	RN	1997	1.604.067
Norte/Nordeste Catarinense	SC	1998	1.419.518
Maceió	AL	1998	1.310.520
Londrina	PR	1998	1.111.577
Maringá	PR	1998	810.774
Vale do Itajaí	SC	1998	809.072
Goiânia	GO	1999	2.560.625
Campinas	SP	2000	3.264.915
Foz do Rio Itajaí	SC	2002	672.298
Carbonífera	SC	2002	611.229
Tubarão	SC	2002	388.472
João Pessoa	PB	2003	1.278.401
Macapá	AP	2003	634.450
Grande Vitória	ES	2005	1.979.337
Sudoeste Maranhense	MA	2005	359.405
Vale do Aço	MG	2006	493.773
Manaus	AM	2007	2.676.936
Vale do Rio Cuiabá	MT	2009	1.041.307
Zona da Mata	AL	2011	301.344
Vale do Paraíba e Litoral Norte	SP	2012	2.552.610
Florianópolis	SC	2014	1.209.808
Ribeirão Preto	SP	2016	1.720.469

Por consequência desta ampla difusão de RM's pelo território, avoluma-se a rede urbana brasileira que, pelo espargir dessa forma espacial de reprodução das relações capitalistas (LEFEBVRE, 2008) pelo país, confere ao urbano nacional um maior leque de municípios inseridos a sua dinâmica. Apesar disto, a tendência de concentração da população urbana brasileira perpetuou-se, uma vez que 55% da população nacional reside numa das 74 RM's existentes no Brasil (FNEM, 2021), composta por mais de 1400 municípios, que totalizam pouco mais de um quarto do montante total de municípios (IBGE, 2020).

Tendo isto posto, é possível observar a cristalização das disparidades existentes no espaço nacional, uma vez que esta vultuosa participação metropolitana no espaço urbano, em muitos casos advém do intuito de acatar anseios políticos municipais na busca do desenvolvimento regional, pela ratificação de um meio administrativo diverso (BARRETO, 2012).

Deste modo, a hierarquia urbana previamente estabelecida se mantém em voga, em que as capitais estaduais se notabilizam por serem as cidades mais dinâmicas, comprovado pelo fato de que estas cidades concentram 14 dos 17 municípios mais populosos do país, e 9 dos 10 municípios com maior PIB (IBGE, 2020). Além disso, a grande notoriedade das capitais do Sul-Sudeste no urbano, mais notadamente as cidades de São Paulo e do Rio de Janeiro, evidenciam a disparidade regional existente no âmago da rede urbana, visto que seu maior adensamento ocorre na porção Centro-Sul do país, em decorrência do dinamismo econômico, o que favorece a emergência dos poucos exemplos de metrópoles importantes no interior de seu território, ao passo que nas demais macrorregiões do país são raros os casos de urbes notórias além de suas capitais.

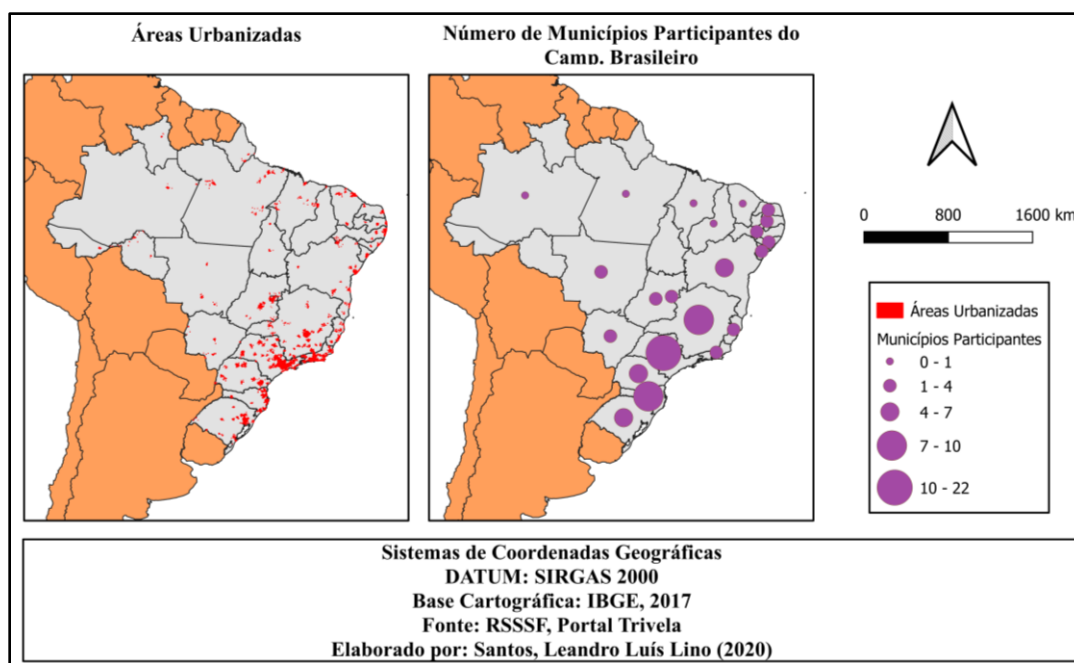
Ainda que haja a expansão metropolitana para o interior, a distribuição urbana vigente ainda é muito próxima do arranjo colonial, dado que as urbes de maior importância se distanciam alguns quilômetros da orla oceânica brasileira, sendo raros os casos de cidades de destaque em seu interior.

Dito isto, por obedecer a heterogeneidade da rede urbana nacional, o futebol emerge como um ótimo prisma de observação desta, já que a distribuição espacial da prática profissional deste desporto emula a concentração urbana existente, marcada por uma maior densidade nas regiões Sul-Sudeste em detrimento das demais (MASCARENHAS, 2002). Conforme pode ser visualizado no mapa 2, que ao retratar a similaridade entre a disposição espacial das áreas urbanizadas no país e as quantidades de cidades que já envolveram-se no

Campeonato Brasileiro, ressalta a maior atratividade de urbes das regiões Sul e Sudeste para investimentos econômicos, uma vez que estas são as protagonistas no mercado futebolístico nacional.

No decorrer das sessenta edições do Campeonato Brasileiro, o âmbito urbano encontrou na prática deste desporto um grande meio de expressão, que poucas vezes foi observado, apesar de sua grande permeabilidade na materialidade futebolística. É sob esta dinâmica urbana, marcada pela sua concentração, que o futebol nacional se alicerça, compondo uma realidade material impregnada pela dinâmica urbana corrente.

Mapa 2: Áreas Urbanizadas Brasileiras e os Municípios Participantes do Campeonato Brasileiro



Fonte: Autor com base em RSSSF¹⁶ e Portal Trivela

Tendo isto posto, a edição de dois mil e dezenove deste certame evidencia as disparidades entre as cidades das agremiações participantes, uma vez que para entender o futebol de modo mais aprofundado é indispensável apreender a influência do fenômeno urbano neste esporte.

16 RSSSF: *Rec. Sport. Soccer Statistics Foundation* – Disponível em: <http://www.rsssf.com/>

CAPÍTULO 3: O FUTEBOL COMO EXPRESSÃO DA DESIGUALDADE REGIONAL BRASILEIRA

Referente ao cenário do futebol brasileiro de clubes, a temporada de 2019 se caracterizou pela destacada participação de suas agremiações nos certames internacionais, uma vez que os clubes brasileiros apresentaram saliente participação nos torneios internacionais, chegando às semifinais da Copa Sul-Americana (Corinthians e Atlético-MG), e da Copa Libertadores da América (Grêmio e Flamengo), sendo que o Rubro-negro Carioca (Flamengo) sagrou-se campeão da competição mais prestigiada do continente, e assim garantiu uma vaga para a disputa da Copa do Mundo de Clubes, mais conhecido como Mundial de Clubes.

No tocante as competições domésticas, estas combinaram doses de favoritismo e de surpresa, que marcaram mais uma temporada do futebol Brasileiro. De todas as equipes envolvidas nos campeonatos nacionais, foram sagradas campeãs os plantéis do Flamengo e do Atlético-PR, sendo o sexto¹⁷ troféu do Brasileirão levantado pelos cariocas, e somente a primeira taça da copa nacional para o esquete paranaense. O caminho traçado por estas equipes foi bem diverso, uma vez que os cariocas desempenharam a melhor campanha do certame na modalidade de pontos corridos, já os paranaenses surpreenderam ao eliminar rivais tidos como favoritos nas fases decisivas do torneio.

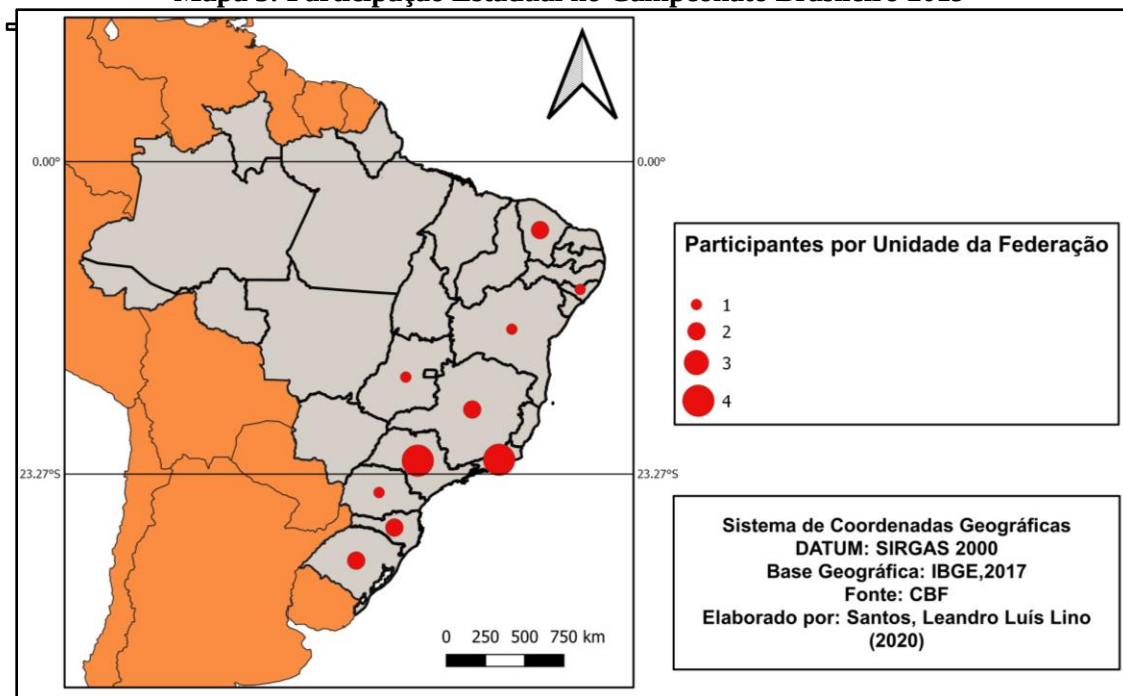
Um dos pontos positivos do principal certame nacional, ressaltado por argumentos do senso comum, é que o Brasileirão é muito mais disputado do que diversos campeonatos de referência, como o Espanhol, o Alemão, o Italiano, somente podendo ser comparado, em termos competitivos, com a *Premier League*, em decorrência da grande quantidade de clubes capazes de alcançar o título em ambos.

Realmente, a argumentação da quantidade de clubes aptos a uma disputa árdua é verdadeira, uma vez que em outros países o grupo dos clubes mais bem-sucedidos ocupa a casa dos 5 ou 6 membros, no cenário Brasileiro, este seleto grupo é constituído por 12 agremiações. Apesar de tal argumento ser coerente, este é muito fácil de ser desmontado,

17 Diante da polêmica acerca do certame de 1987, considero que a agremiação Clube de Regatas do Flamengo possua seis títulos da Série A do Campeonato Brasileiro, levando em conta a negação ao Recurso Extraordinário 881864, atestando o título de Campeão ao Sport Club do Recife desta controversa edição, corroborando a posição da Confederação Brasileira de Futebol (CBF). Para mais detalhes sobre a decisão, acesse: <http://stf.jus.br/portal/cms/verNoticiaDetalhe.asp?idConteudo=311893>

pois o certame não é de todo o mais nacional, uma vez que 15 dos 20 clubes da edição de 2019 do Campeonato Brasileiro advém das macrorregiões Sudeste e Sul, emulando a tão criticada concentração de clubes vista nos torneios europeus, tal qual o mapa 3 evidencia.

Mapa 3: Participação Estadual no Campeonato Brasileiro 2019



Fonte: Autor segundo Confederação Brasileira de Futebol – CBF

No que se refere a distribuição de agremiações para a disputa da edição de 2019 do principal certame brasileiro, seu arranjo pode ser observado como um representante das disparidades vigentes no território, uma vez os clubes das outras regiões orbitam os clubes do Centro-Sul brasileiro e, alguns casos ao emplacarem times interioranos nas competições demonstram, por meio das atuações no campo, a pujança econômica existente.

Esta concentração relaciona-se com a intensificação do processo de mercantilização dos esportes, já que ao tornar-se uma mercadoria, o futebol é comercializado tanto para ao público pela transmissão de seus eventos e afins, quanto para as agremiações por meio das transações de seus atletas (BALE, 1993).

Desse modo, ao considerar o futebol como um produto da indústria do entretenimento, há o permear da lógica econômica da captação de investimentos no cenário do jogo no país, assim privilegiando os clubes das localidades economicamente pujantes. Ao se caracterizar de tal modo, a esfera do futebol nacional se desenvolve de acordo com a lógica econômica, replicando a distribuição espacial vigente no país, muito marcada pelas desigualdades inter-regionais.

Conforme a tabela abaixo¹⁸, é possível comprovar a centralidade econômica dos estados do Sul-Sudeste no âmbito do principal certame futebolístico nacional de 2019, a partir da comparação entre os volumes de capitais contidos nas economias das unidades federativas e o montante avaliado das agremiações, uma vez que, na maioria dos casos¹⁹, os estados com os maiores valores de Produto Interno Bruto (PIB) em 2018 (Tabela 3) possuem as maiores quantidades de clubes no campeonato, além de seus clubes serem os mais valorizados da competição. Em vista desta situação econômica presente, Fonseca (2014) aponta: “O centro do futebol brasileiro, que não por coincidência também pode ser chamado de centro econômico (...) do Brasil (...)”

Tabela 3: PIB Estadual – Valor de Mercado dos Clubes

Estado	PIB Estadual Valor em Milhões de Euros (2018)	Agremiações	Valor de Mercado 2019 (Milhões de Euros)
São Paulo	488,09	Palmeiras, Corinthians, São Paulo, Santos	352,2
Rio de Janeiro	167,56	Flamengo, Fluminense, Vasco da Gama, Botafogo	265,35
Minas Gerais	135,76	Atlético-MG, Cruzeiro	88,7
Rio Grande do Sul	100,97	Internacional, Grêmio	177,05
Paraná	97,16	Athlético-PR	53,4
Santa Catarina	65,85	Avaí, Chapecoense	34
Bahia	63,20	Bahia	23,4
Goiás	43,21	Goiás	24,45
Ceará	34,42	Fortaleza, Ceará	37,85
Alagoas	12,01	CSA	16,45

Fonte: Elaborado pelo autor com base em IBGE, *Transfermarkt*

Ao levar em consideração a concentração econômica existente no país, os clubes somente agem obedecendo a uma dinâmica global embasada em preceitos capitalistas,

18 Para a realização desta comparação, foi necessário a adequação dos valores para uma moeda somente, sendo escolhida para esta tarefa o Euro, com base na cotação de compra para o dia 31/12/2019, avaliada em R\$4,5290, conforme indicado pelo site: <https://receita.economia.gov.br/orientacao/tributaria/declaracoes-e-demonstrativos/ecf-escrituracao-contabil-fiscal/taxas-de-cambio-incluindo-valor-do-dolar-para-fins-fiscais-irpj-AC-anteriores>

19 Não há uma correlação perfeita, pois para o cálculo do valor de mercado é levado em consideração o desempenho da agremiação, sendo passível de variações no decorrer do tempo. Portanto, nos casos em que certas unidades federativas possuem um maior PIB, mas um menor valor de mercado de seus clubes, a interpretação se apoia na qualidade do jogo, argumento técnico que explica a desigualdade de esquetes participantes por estado no campeonato.

conforme Kennedy; e Kennedy (2016, P.18) nos afirmam: “Em resumo, o futebol é um parceiro comercial muito requisitado para incorporar capital”.

Tendo isto em mente, ao entender o esporte como um produto, há o estabelecimento de um mercado, no qual as localidades destacadas economicamente são perpetuadas enquanto centralidades esportivas, em detrimento dos demais locais.

Quando há o estabelecimento do entendimento mercantil do futebol, a sua entrada na dinâmica capitalista é certa, evidenciada pela crescente presença de produtos vinculados ao esporte. Deste modo, é importante pontuar que ao adentrar esta conjuntura, se torna necessária integrar a sua agremiação uma quantia de capitais, seja via patrocínio, parcerias comerciais, ou pelo apoio de seus adeptos.

Em vista disso, não é de se estranhar a hegemonia econômica das regiões Sul e Sudeste tanto no âmbito do futebol, quanto no tocante à esfera econômica nacional, já que há uma maior presença de infraestruturas voltadas à promoção das mais diversas atividades econômicas, o que evidencia maior competência de tais regiões no acolhimento de uma gama mais intensa de fluxos.

Dentre as macrorregiões brasileiras, o Sudeste e o Sul são as mais notórias no que concerne à participação na economia do país, tendo em vista que a primeira possui uma participação de 53,14% no PIB nacional, já a segunda é responsável por 17,07% da atividade econômica.

Tais números não conseguem ser igualados pelas demais regiões, haja vista que o Nordeste participa em 14,33% da economia nacional, o Centro-Oeste possui uma contribuição de 9,93%, e o Norte contribui com 5,53% da participação (IBGE, 2018). Entretanto, esta disparidade dos valores constituem somente uma materialidade, não podendo ser encarada como a origem dos problemas, pois esta situação econômica é uma reverberação que obedece uma lógica advinda de uma divisão territorial do trabalho, conforme Santos, (1993, P.61) aponta:

Há uma lógica comum aos diversos subespaços. Essa lógica é dada pela divisão territorial do trabalho em escala nacional, que privilegia diferentemente cada fração do território a um dado momento de sua evolução. É dessa maneira que, em cada período, se entendem as particularidades e o movimento próprio de cada subespaço e as formas de articulação no todo. Esse enfoque se impõe, pois a cada momento histórico as heranças dos períodos passados também tem papel ativo na divisão do trabalho atual.

Estas dissemelhanças, despontam como debate fulcral brasileiro frente a integração nacional. Segundo (ARAÚJO, 2000), o período de integração nacional possui dois momentos, um que tange do período de 1920 até a década de 1970, já o segundo aborda o período entre

1970 e o findar do decênio de 1990. O primeiro possui a tendência a favorecer o Sudeste, via manutenção de uma política de incentivos à indústria nacional, centralizada nessa região. Para o segundo momento, há uma atenuação da centralidade, pois com o processo de descentralização industrial, em conjunção com investimentos das Superintendências, tal qual a SUDENE e a SUDAM, resultando na chegada de indústrias, além de políticas voltadas para mitigar as desigualdades.

A estratégia desenvolvida para suprir o anseio da integração nacional, foi pautada no crescimento das relações econômicas entre as “ilhas regionais” brasileiras, o que exacerbou as discrepâncias regionais pois clarificou as diferenças de produtividade entre elas, o que exaltou as localidades nas quais as formações territoriais melhor se adequavam para tais atividades (ARAÚJO, 2000).

Tendo em vista esta situação, a região Sudeste se concretizou como aquela que lograva das melhores circunstâncias para o desenvolvimento urbano-industrial brasileiro, já que esta dispunha da presença dos capitais sobreacumulados do período cafeeiro, que ao serem combinados com a mão de obra estrangeira munida do pensamento industrial, houve o estabelecimento das grandes indústrias na região, o que asseverou a sua melhor inserção na divisão internacional do trabalho vigente (CANO, 2007).

Para o caso da região Sul, por possuir uma formação territorial pautada no minifúndio, em decorrência da sua colonização, é possível observar que a dinâmica industrial adequou-se a tal peculiaridade. Portanto, não é de se estranhar que a distribuição espacial manifeste a influência de tal formação, haja vista que é possível atentar a uma maior presença de pequenas e médias empresas, evidenciando uma maior difusão das técnicas empregadas pelo setor industrial em seus espaços (CANO, 2007).

Diferentemente de ambas as regiões citadas, o Nordeste brasileiro se caracteriza por ser um dos povoamentos mais antigos do país, formado perante o panteão colonial, que forjou uma formação territorial pautada numa estrutura fundiária desigual e centralizadora, fundamentada em estruturas sociais arcaicas, sendo assim um freio para as inovações impostas pelo modelo urbano-industrial de desenvolvimento (SANTOS, 1993). À vista disso, a região nordestina com a sua emergente produção industrial advinda dos anseios produtivos da cultura do algodão, encontrou-se satelitizada pelo sudeste, haja vista que suas plantas fabris foram envelhecendo, não sendo capazes de competir com aquelas mais modernas e produtivas.

No que se refere ao Centro-Oeste e ao Norte do país, ambas as regiões atualmente vivenciam um período receptivo às dinâmicas produtivas vigentes, em decorrência das escassas infraestruturas em seus territórios, possibilitando uma instalação menos custosa das mais vanguardistas infraestruturas. Contudo, no período vigente das políticas de integração nacional, estas regiões se caracterizavam por serem as fronteiras da ocupação, uma vez que o Brasil foi interiorizar seu povoamento há poucas décadas. Portanto, com a expansão da fronteira agrícola, possibilitada pela égide da revolução verde, estas regiões que eram concebidas como rincões do país, tornaram-se atrativas para o cultivo agropecuário, uma vez que a modernização do território nacional implicou na mecanização das atividades agropecuárias (FREDERICO, 2013).

A partir da égide do modelo urbano-industrial, o Brasil vivenciou de modo dialético, tanto o florescer das metrópoles do Rio de Janeiro e de São Paulo, ao mesmo tempo em que aprofundou as disparidades no interior do país, por meio do processo de modernização territorial. Bradando o discurso modernizante, o Estado Brasileiro priorizou investimentos destinados aos setores da infraestrutura e ao industrial, por via do aporte financeiro dado pelo Banco Nacional do Desenvolvimento Econômico (BNDE)²⁰, que destinou 70% de seus investimentos a edificação de infraestruturas necessárias para o desenvolvimento deste setor (Ferrovias, Rodovias, Portos, Aeroportos, etc), no período entre 1952-1960. Sucedendo tais inversões, o BNDE voltou seus financiamentos para incentivos ao âmbito industrial, setor o qual possuiu a maior parcela de participação na oferta de crédito do banco no período entre 1961 até 2010, estabelecendo seu papel como atividade econômica mais representativa na concessão de crédito feita pelo banco (BRASIL, 2018).

Devido ao caráter urbano da produção industrial, é impossível desconsiderar seu papel indutor de alterações das dinâmicas vinculadas ao desenvolvimento urbano (LEFEBVRE, 2008), uma vez que é no âmbito da urbe que há uma maior concentração de capitais e de força de trabalho, características importantes para a sua viabilidade (SPOSITO, 1988). Neste sentido, esta impulsão da atividade industrial resultou no fortalecimento do mercado interno, além da estruturação de equipamentos pelo território, o que assegurou um vigoroso processo de urbanização, evidenciando a concomitância entre ambos os processos. Corroborando com o apontamento feito por Santos, (1993, P.27):

20 Sob a alegação da inclusão de preocupações sociais à política de desenvolvimento, há uma alteração na nomenclatura do banco, no ano de 1982, que passou a atender pelo título de Banco Nacional do Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES). Mais informações em: <https://www.bndes.gov.br/wps/portal/site/home/quem-somos/nossa-historia>

A partir dos anos 1940-1950, é essa a lógica da industrialização que prevalece: o termo industrialização não pode ser tomado, aqui, em seu sentido estrito, isto é, como criação de atividades industriais nos lugares, mas em sua mais ampla significação, como processo social complexo, que tanto inclui a formação de um mercado nacional, quanto os esforços de equipamento do território para torná-lo integrado, como a expansão do consumo em formas diversas, o que impulsiona a vida de relações (leia-se terciarização) e ativa o próprio processo de urbanização.

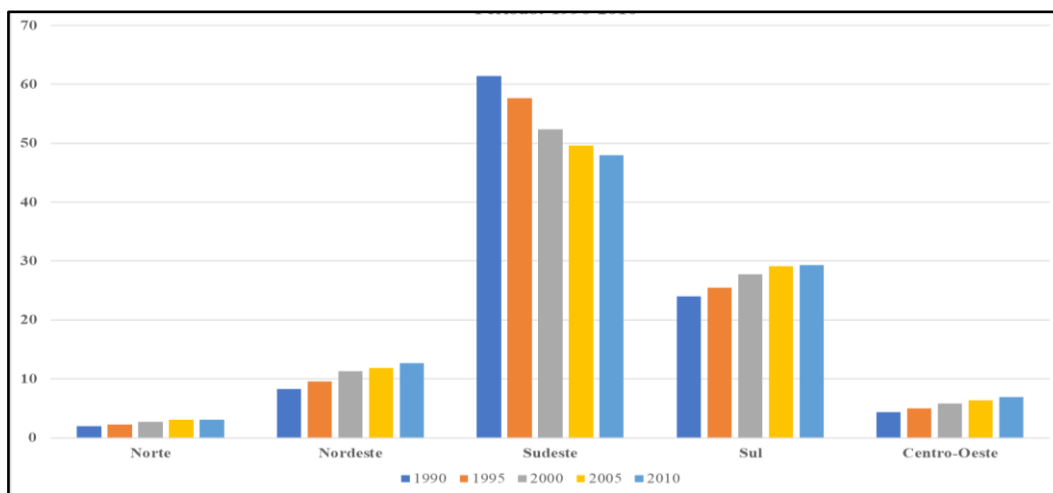
Ante tal sincronia entre os processos de industrialização e urbanização, suscitados pelo âmagô modernizante do território brasileiro, é notável observar como a distribuição espacial de tais equipamentos manteve-se díspar, apesar da constituição do mercado interno. Enquanto o eixo Sul-Sudeste observou um considerável incremento em suas economias, via industrialização, as demais regiões brasileiras se notabilizaram pela chegada da dinâmica industrial, via modernização agrícola, o que compôs uma situação na qual as grandes cidades do Centro-Sul do país absorvia a mão de obra, ao passo que as demais regiões repeliam.

Um exemplo nítido de tal fenômeno é a situação exacerbada pelas proporções de crescimento entre a população nacional e os números de migrantes, no qual o primeiro multiplicou 189%, já o segundo aumentou 1076% (VALE, LIMA, BONFIM, 2012), uma vez que ao se constituir como uma nação capitalista, o país apresenta uma forte relação entre o processo migratório com a oferta de oportunidades materiais advindas do desenvolvimento industrial, e pelo crescimento urbano (BRAGA, 2006).

Em virtude desta divisão territorial do trabalho corrente no país, na qual a modernização do território via industrialização era o principal mote, as macrorregiões foram incluídas a uma dinâmica urbano-industrial centralizada, na qual a hegemonia do eixo Sul-Sudeste prevalecia, conforme o gráfico 3 evidencia.

Portanto, o Brasil observou a formação de diversas realidades dentro de seus domínios, uma vez que as localidades do Sudeste e Sul desenvolviam as infraestruturas urbanas necessárias para a produção do setor secundário, e assim se notabilizaram pelo aumento das taxas de urbanização, constituindo ambas como os locais dinâmicos economicamente. O que contrasta com as demais regiões, pois estas foram compondo uma periferia caracterizada pela ausência de infraestruturas, marcadas pelo “atraso” de suas produções, catalisando as desigualdades, promovendo o êxodo das populações destas regiões para aquelas com maiores oportunidades.

Gráfico 3: Participação Industrial por Macrorregião Brasileira (1990-2010)



Fonte: Autor com base em (SILVA, FILHO, 2017)

À vista desta circunstância contrastante entre as macrorregiões brasileiras, as disparidades inter-regionais foram delineando cada vez mais o território nacional, uma vez que as formações territoriais das macrorregiões são diversas, sendo a sua participação na divisão territorial do trabalho influenciada por tal heterogeneidade. Deste modo, o Brasil pautou seu desenvolvimento durante décadas na expansão das disparidades, o que gerou um abismo entre as localidades do país, tal qual Oliveira, (2003, P.87) evidencia com sua metáfora do Ornitorrinco:

Como é o ornitorrinco? Altamente urbanizado, pouca força de trabalho e população no campo, *donque* nenhum resíduo pré-capitalista; ao contrário, um forte *agrobusiness*. Um setor industrial da Segunda Revolução Industrial completo, avançando, tatibitate, pela Terceira Revolução, a molecular-digital ou informática. Uma estrutura de serviços muito diversificada numa ponta, quando ligada aos estratos de altas rendas, a rigor, mais ostensivamente perdulários que sofisticados; noutra, extremamente primitiva, ligada exatamente ao consumo dos estratos pobres.

É perante este país marcado pela sua disparidade interna, que o futebol desembarca e populariza-se, engendrando sutilmente as dissemelhanças existentes no território nacional, normalizando a disposição esportiva centrada nos estados das regiões Sul-Sudeste no decorrer dos campeonatos e das discussões futebolísticas. Todavia, para explicar tais desigualdades quanto ao desempenho do campo, se torna essencial o resgate regional para compreender como que este país tão distinto pode se observar pelo futebol.

CAPÍTULO 4: FUTEBOL COMO REPRESENTANTE DO FENÔMENO URBANO

Diante das abordagens desenvolvidas nos capítulos anteriores, é evidente como que os problemas regionais brasileiros despontaram a partir do crescimento industrial, já que para a garantia deste é necessário um mercado interno estabelecido (CANO, 2016). Em virtude do permear da dinâmica urbano-industrial, o incipiente mercado interno brasileiro proporcionou a conexão econômica entre as regiões que, ao apresentarem distintas formações territoriais, inseriram-se de modo díspar à tal dinâmica, sendo o Sudeste brasileiro aquela mais proeminente.

Tal saliência econômica, advinda do período cafeeiro, proporcionou a esta macrorregião um ambiente mais propício para o seu desenvolvimento urbano-industrial, comprovado por uma maior difusão urbana no seu território, em conjunto ao intenso crescimento das cidades de São Paulo e do Rio de Janeiro. Dada a importância alcançada por estas cidades, a expansão urbana pelo território ocorreu de modo a assegurar a proliferação de infraestruturas urbanas nas localidades economicamente pujantes, garantindo o papel fulcral delas no urbano nacional.

Tendo isto em mente, não é de se estranhar a influência do urbano na disposição espacial do futebol brasileiro, posto que este esporte desembarca no país por meio da incorporação de uma cultura urbana estrangeira, chegando a atuar como um representante²¹ dos ideais cosmopolitas no fim do período colonial, em razão de ser oriundo de uma “boa civilização” europeia, (BROWN, LANCI, 2016; MASCARENHAS, 2014). Logo, ao se popularizar durante o mesmo período da intensificação da urbanização, o futebol retrata o desenvolvimento urbano desde o seu início, através dos simbolismos imbricados em suas partidas, sendo assim um prisma não usual na interpretação da rede urbana brasileira.

Apesar de ser algo pouco ortodoxo na interpretação do fenômeno urbano, o cenário futebolístico nacional traz em suas competições debates típicos da temática, conforme pode ser observado pelas primeiras tentativas de composição de certames. Os primeiros

21 No Brasil, o futebol quando foi introduzido, era visto com muitos receios pela sociedade Brasileira, como (Mascarenhas, 2014, P.79) exalta: Esse esporte era encarado (...), ora como diversão violenta, causadora de distúrbios, ora como atividade embrutecedora, a roubar da juventude preciosas horas que poderiam ser dedicadas às artes e à ciência; era ainda acusado pelos nacionalistas de atividade alienígena e pelos comunistas de invenção burguesa e imperialista.

campeonatos entre clubes de futebol no Brasil, ocorridos no início do século XX²², se caracterizavam por ser torneios centrados nas capitais estaduais, que reuniam as equipes locais para a disputa do torneio.

Tais certames ao ostentarem as alcunhas de “campeonato estadual”, para uma competição local, evidenciam de modo figurado a situação corrente da rede urbana brasileira à época, marcada pela centralidade exercida pelas capitais estaduais, e pela escassa conexão existente na tessitura urbana, que impossibilitava a disputa de competições de cunho nacional entre clubes²³.

Em virtude desta baixa integração territorial, o florescimento de uma competição nacional envolvendo agremiações aguardou as condições ideais para a sua emergência, atingida somente décadas mais tarde. A vista disto, os campeonatos locais consolidaram-se como os certames de maior destaque para o esporte, devido aos empecilhos existentes na locomoção das agremiações, o que elucida a magnitude das conquistas estaduais no período, conforme asseverado por Mascarenhas, (2014, P.147):

As razões do território ainda não integrado imprimiram ao processo de adoção do futebol no Brasil outro arranjo, multipolarizado e de forte base local, de modo que transcorreram muitas décadas até que fosse possível a realização de um campeonato de alcance nacional.

Com a consolidação do processo de urbanização, a incipiente integração nacional é fortalecida, uma vez que a mecanização do território brasileiro ganha fôlego pela aceleração do processo de urbanização, fornecendo os meios para a inserção de uma maior gama de localidades a dinâmica urbana. Para a realização de tal anseio, a participação estatal foi essencial, uma vez que no decorrer do processo os incentivos governamentais se fizeram muito presentes, seja pela figura primordial do Plano de Metas, ou mais tarde com as edições do PND.

Diante disso, o aumento das conexões entre as cidades foi algo inexorável, visto que a disposição de equipamentos urbanos pelo território passou por um aumento de abrangência,

22 A primeira competição futebolística realizada no país foi o Campeonato Paulista, sendo a sua primeira edição realizada no ano de 1902, dois anos mais tarde ocorre a primeira edição do Campeonato Baiano. No ano de 1906 há o primeiro Campeonato Carioca, e seis anos após o primeiro torneio no Brasil, há a edição inaugural do Campeonato Paraense.

23 À vista da impossibilidade da realização de uma competição nacional entre clubes, há o nascimento do peculiar Campeonato Brasileiro de Seleções Estaduais, que foi concebido pelos dirigentes da CBD para constituir a seletiva de jogadores para a seleção brasileira, a partir da disputa de um certame entre as seleções estaduais (SANTOS, 2011). Ocorrido entre os anos de 1922 a 1987, este torneio representa a centralidade dos estados de São Paulo e do Rio de Janeiro, uma vez que estes concentram 30 dos 32 títulos disputados. Para mais informações acerca dos campeões, vices e federações organizadoras do evento: <https://rsssfbrasil.com/tablesae/brselcamp.htm>

ocorrida a partir das cidades de São Paulo e do Rio de Janeiro. Tal aumento, garantiu um importante fomento ao mercado interno, mas não somente, este alargamento do fenômeno urbano no país foi de suma importância para o futebol, uma vez que somente ao aflorar desta conjuntura, que as condições necessárias para a realização de um campeonato de caráter nacional entre clubes foram dispostas. Portanto, no ano de 1959, houve a realização da primeira competição de caráter nacional, o Campeonato Brasileiro de Futebol, mais conhecida como a Taça Brasil²⁴.

Logo, a premissa para a ocorrência deste campeonato nacional é possuir uma rede urbana suficientemente estabelecida, que no transcorrer de suas edições anuais reflete as dinâmicas urbanas vigentes. Apesar de suas reformulações e renomeações, (as mais notórias sendo a do ano de 1971, com a implementação da nomenclatura de Campeonato Brasileiro, e a do ano de 2003, marcado pela implementação do sistema de pontos corridos na competição) a competição mantém-se como o principal certame no cenário futebolístico nacional.

Dito isto, o campeonato brasileiro pode ser entendido como um ótimo representante da urbanização brasileira e as suas incongruências existentes, dado que o futebol de ponta obedece a hierarquia urbana vigente (RAVENEL, 1998). Deste modo, não é de se estranhar a hegemonia exercida pelas cidades de São Paulo e do Rio de Janeiro na disputa desta competição, visto que estas concentram grande parte das agremiações campeãs, enquanto outras cidades como Belo Horizonte e Porto Alegre galgam menores voos, com uma quantidade reduzida de clubes campeões e consigo de títulos alcançados.

No que se refere as cidades das demais macrorregiões, somente cidades nordestinas figuram no rol de urbes campeãs, sendo representadas por Salvador e Recife, que se valem de um horizonte de conquistas ainda mais abreviado, no qual a capital baiana soma duas conquistas, e a sua contraparte pernambucana soma somente uma conquista.

A predominância das capitais estaduais é evidente, contudo, é recorrente observar clubes interioranos do Centro-Sul do país a fazer campanhas de destaque, chegando a alcançar resultados similares as agremiações das capitais das regiões periféricas,

24 Durante o período inicial das competições nacionais de clubes, a Taça Brasil foi a pioneira delas, uma vez que tal torneio tem sua origem em decorrência da necessidade do Brasil em indicar um clube a disputa da Copa Libertadores da América, que estreou no ano seguinte. Esta competição reinou no calendário brasileiro até o ano de 1967, quando a Taça Roberto Gomes Pedrosa - “Robertão” estreou e atraiu os principais clubes, devido ao seu regulamento mais favorável aos competidores. Dito isto, entre os anos de 1967 a 1970, haviam dois torneios de primeira importância no país.

manifestando a maior densidade existente em sua rede urbana (THÉRY, 2006). Conforme pode ser observado na tabela 4.

Tabela 4: Cidades Campeãs do Campeonato Brasileiro

Cidades	Quantidade de Títulos	Clubes
São Paulo	23	Palmeiras, Corinthians, São Paulo
Rio de Janeiro	18	Vasco da Gama, Flamengo, Fluminense, Botafogo
Santos	8	Santos
Belo Horizonte	5	Atlético-MG, Cruzeiro
Porto Alegre	5	Internacional, Grêmio
Curitiba	2	Coritiba, Athletico-PR
Salvador	2	Bahia
Campinas	1	Guarani
Recife	1	Sport

Fonte: Elaborado pelo autor com base em globoesporte.globo.com

Em virtude das quantidades de conquistas alcançadas pelas cidades, há uma demonstração simbólica da hierarquia urbana vigente no país, com as urbes de São Paulo e do Rio de Janeiro como o pináculo, as cidades de Belo Horizonte, Porto Alegre e Curitiba como importantes cidades mas que não possuem a mesma área de influência, e então as cidades como Salvador, Recife e Campinas que influem numa área ainda mais restrita.

É sob esta conjuntura, que a cobertura midiática se embasa para a produção de seus conteúdos, nos seus diversos meios de comunicação existentes (Rádio, Televisão, Internet), elaborando reportagens e matérias sobre os campeonatos e histórias curiosas vinculadas ao cenário futebolístico. Importante pela sua atuação de propagador do esporte, os meios de comunicação criaram a corrente situação de cobertura esportiva a partir da rede urbana brasileira, logo, não é de causar estranheza a proeminência de conteúdos advindos do eixo Rio-São Paulo em localidades do interior do país.

O principal efeito desta centralidade na produção midiática, é a criação de uma realidade brasileira baseada no citado eixo, que influenciou a elaboração de novelas e programas televisivos, e que também influenciou no futebol, por meio da difusão radiofônica e televisiva dos “principais clubes” do país (FONSECA, 2014).

Tradicionalmente encabeçadas pelos adeptos do Flamengo e do Corinthians, as pesquisas de preferência de clubes indicam a abrangência da base de torcedores no país,

propondo uma comparação entre as agremiações com o intuito de quantificar as torcidas, sendo influenciada pelo desempenho recente dos clubes. Entretanto, a qualidade do plantel não é somente o único fator de relevância nestas investigações, já que estas indicam a centralidade presente nos meios de comunicação dispersos pela tessitura urbana, tal qual Fonseca (2014, P.103) ressalta:

(...) o futebol como espetáculo, que já vinha sendo explorado pelo rádio, ajudando a incorporar certa unidade nacional através do jogo, pela televisão torna-se decisivo no espraiamento nacional da popularidade dos clubes do Rio e de São Paulo, em detrimento dos clubes dos diversos territórios e lugares do País. Reside, aqui, a origem da disseminação de certa ideologia que opera não apenas no âmbito do futebol: *torço por um clube do Rio de Janeiro; ou torço por um clube de São Paulo.* (...)

Perante esta constante influência midiática, o cenário das transmissões esportivas fundamenta-se sob o discurso mercadológico das redes televisivas, essencial para a manutenção da hegemonia do eixo Rio-São Paulo por meio do argumento da audiência, uma vez que somente as cidades de São Paulo e do Rio de Janeiro concentram quase 10% da população brasileira (IBGE, 2020). Como resultado de décadas de contínuas transmissões dos clubes destas cidades para todo o país, os clubes locais não conseguem galgar o mesmo alcance desses clubes “nacionais”, mesmo agremiações originárias de cidades como Belo Horizonte e Porto Alegre. Tal qual pode ser observado na tabela 5.

A vista do que foi posto, há uma compreensão mais aprofundada dos motivos que explicam a dimensão da torcida Flamenguista, e como que a maioria de seus torcedores residem fora do Sudeste. Para o caso Corinthiano, o mesmo argumento se aplica, porém há uma profunda diferença perante o rubro-negro carioca, pois o esquete paulistano possui a maioria da sua torcida em domínios do Sudeste, contudo, há uma participação considerável de torcedores nas demais regiões, assegurando o segundo posto de maior torcida brasileira.

Após estes dois clubes, não há nenhuma outra agremiação com tamanha massa de torcedores, contudo, há de se ressaltar que há uma evidente dominância do eixo Rio-São Paulo, pois somente na sexta posição (Cruzeiro) é possível observar um clube fora destas duas cidades, e somente na décima terceira posição (Bahia) alguma agremiação de fora do Centro-Sul Brasileiro, em ambos os casos não se constata presença de suas torcidas em todas as regiões, quem dirá da maior parte de seus torcedores.

Tabela 5: Popularidade dos clubes – Segundo as macrorregiões

Agremiação	Total (%)	Macrorregião				
		Sudeste	Sul	Nordeste	Centro-Oeste	Norte
Flamengo	20	17	4	27	28	39
Corinthians	14	18	11	9	18	10
São Paulo	8	11	4	6	8	4
Palmeiras	6	7	3	5	6	6
Vasco	4	4	2	5	3	8
Cruzeiro	4	8	ND	ND	2	0
Grêmio	4	0	23	0	1	1
Internacional	3	0	17	0	1	1
Santos	3	4	4	0	2	1
Seleção Brasileira	2	1	1	5	2	2
Atlético-MG	2	5	ND	0	1	0
Botafogo	1	2	1	1	1	0
Bahia	1	0	ND	4	ND	ND
Fluminense	1	2	0	1	1	ND
Sport	1	ND	ND	4	ND	0
Santa Cruz	1	ND	ND	2	ND	ND
Fortaleza	1	ND	ND	2	ND	ND
Vitória	1	ND	ND	2	ND	ND
Ceará	1	ND	ND	2	ND	ND
Outro	3	1	7	7	3	8
Nenhum	21	20	23	23	24	22

Fonte: Elaboração do autor, com base na Pesquisa: Time de Preferência – Datafolha

Amparada na dinâmica comercial dos alcances de torcidas, em conjunto ao desempenho esportivo das agremiações, esta temática é algo de suma importância para a temporada das equipes, uma vez que a receita advinda de direitos televisivos compõe uma porção crucial na captação de recursos financeiros dos clubes.

Isto posto, não há de se esperar algo diferente do grande desnível entre os volumes pagos aos clubes, uma vez que as associações originárias de unidades federativas com

maiores valores de PIB conseguem garantir uma maior audiência televisiva, segundo comprova a correlação de Pearson²⁵ = 0,9627, obtida a partir dos dados da tabela 6.

Tabela 6: Valores de PIB Estadual e Televisores Potenciais

Estados	PIB Estaduais (2018) (Milhões de Reais)	Televisões Potenciais	População	Correlação de <i>Pearson</i>
Acre	15.331.123	702.536	1.762.543	0,9627
Alagoas	54.413.047	3.205.454	3.345.561	0,9627
Amapá	16.795.207	3.633.676	3.984.834	0,9627
Amazonas	100.109.235	3.633.676	3.984.834	0,9627
Bahia	286.239.541	14.203.428	14.930.031	0,9627
Ceará	155.903.825	8.834.407	9.113.552	0,9627
Distrito Federal	254.817.205	2.954.869	2.998.270	0,9627
Espírito Santo	137.020.055	3.926.412	3.999.437	0,9627
Goiás	195.681.724	6.609.874	6.900.753	0,9627
Maranhão	98.179.496	6.394.371	7.049.475	0,9627
Mato Grosso	137.442.853	3.094.573	3.353.660	0,9627
Mato Grosso do Sul	106.969.142	2.566.287	2.692.584	0,9627
Minas Gerais	614.875.820	20.790.063	21.169.111	0,9627
Pará	161.349.602	7.588.356	8.476.523	0,9627
Paraíba	64.373.595	3.952.588	4.026.524	0,9627
Paraná	440.029.403	11.219.368	11.408.757	0,9627
Pernambuco	186.351.975	9.193.319	9.526.069	0,9627
Piauí	50.378.418	2.975.399	3.250.726	0,9627
Rio de Janeiro	758.859.047	16.804.522	16.924.097	0,9627
Rio Grande do Norte	66.969.562	3.373.944	3.504.418	0,9627
Rio Grande do Sul	457.293.958	11.205.922	11.377.219	0,9627
Rondônia	44.913.978	1.679.415	1.771.520	0,9627
Roraima	13.369.988	445.625	1.771.520	0,9627
Santa Catarina	298.227.090	6.999.376	7.101.654	0,9627
São Paulo	2.210.561.949	44.972.078	45.716.974	0,9627
Sergipe	42.017.981	2.243.302	2.295.865	0,9627

25 Foi considerada para a elaboração desta correlação de Pearson os valores de PIB Estadual e a quantidade de televisões potenciais. Segundo (DANCEY E REIDY, 2006), valores acima de 0,70 são classificados como correlações fortes, logo, a correlação proposta é significativa.

Tocantins	35.666.183	1.498.102	1.563.387	0,9627
-----------	------------	-----------	-----------	--------

Fonte: Elaboração do autor com base em: Rede Globo e IBGE

Figura muito presente no cotidiano do futebol, os direitos televisivos são fonte essencial de capitais para as agremiações, que se utilizam destas quantias para assegurar reforços para seus plantéis, ou quitar dívidas de um contrato frustrado. Visto que, a importância exercida por tais receitas no âmbito do futebol somente cresce, é possível flagrar a extensão da mercantilização deste esporte, que transformou seus atletas em moedas de troca, seus torcedores em consumidores, e as partidas entre clubes em espetáculos do entretenimento.

Diferentemente de outras atividades capitalistas, o futebol possui uma individualidade, já que a corrida não é para alcançar os maiores lucros, mas sim pelos títulos, e para isso os clubes se prontificam a pagar os maiores salários aos jogadores mais valorizados, contrapondo a lógica de maximização dos lucros (KENNEDY, KENNEDY, 2016).

Portanto, o ideal romântico de que o futebol se ganha pela habilidade no pé cai por terra, uma vez que para a cotação do valor²⁶ do atleta há a consideração de sua técnica, deste modo os jogadores mais caros geralmente são os mais habilidosos, o que ressalta a disparidade técnica existente entre as equipes, por meio dos seus valores de mercado.

É sob este panorama do mercado futebolístico, que se observa a replicação das dinâmicas urbanas, pois ao priorizar os fluxos econômicos (Transferências, Patrocínios) na valorização do clube, as agremiações emulam a lógica da metropolização, assegurando a centralidade dos fluxos de capitais aos esquetes mais valorizados, enquanto as demais equipes encontram-se satelitizadas por estas. Tendo isto posto, é irreal imaginar uma competição párea entre clubes advindos de cidades dispostas em graus diferentes da hierarquia urbana brasileira, uma vez que os clubes advindos de urbes mais propensas a promoção de fluxos econômicos sobressai-se, conforme observado na tabela 7.

O cenário do futebol brasileiro em dois mil e dezenove, foi muito marcado pela dominância exercida pelo Flamengo, que ganhou o campeonato com algumas rodadas de antecedência. Em virtude do desempenho rubro-negro, inúmeras matérias foram feitas para

26 Não necessariamente somente é considerado o aspecto técnico do atleta para o seu valor de mercado, leva-se em conta outras variáveis, como a agremiação que o jogador possui vínculo, a sua idade, e o seu potencial comercial (propagandas, etc.). Todavia, de modo geral, os jogadores mais valiosos encontram-se nos clubes mais valiosos, concentrando o mercado de atletas para os clubes mais abastados, emulando a concentração de capitais que Marx pontua.

tratar de tal equipe, exaltando a sua dominância perante os demais competidores. Entretanto, a edição de dois mil e dezenove do campeonato brasileiro, significou muito mais do que somente a vitória flamenguista, já que este certame representou de modo muito completo a hierarquia urbana brasileira.

Ao observar atentamente a tabela de classificação do campeonato, muitos conteúdos da imprensa especializada em futebol focalizaram o mau desempenho dos clubes que descenderam a Série-B do certame, e destacaram que esta edição foi muito marcada pela campanha do campeão. Contudo, do ponto de vista acadêmico, pode-se admitir que o Brasileirão 2019 emulou a rede urbana brasileira.

Tabela 7: Receita bruta dos clubes participantes do Campeonato Brasileiro - 2019

Clubes	Valor de Receita (Milhões de Reais)	Cidade
Flamengo	950	Rio de Janeiro
Palmeiras	642	São Paulo
Internacional	441	Porto Alegre
Grêmio	427	Porto Alegre
Corinthians	426	São Paulo
Santos	400	Santos
Athlético-PR	390	Curitiba
São Paulo	382	São Paulo
Atlético-MG	354	Belo Horizonte
Cruzeiro	289	Belo Horizonte
Fluminense	265	Rio de Janeiro
Vasco	215	Rio de Janeiro
Botafogo	214	Rio de Janeiro

Bahia	189	Salvador
Fortaleza	120	Fortaleza
Goiás	99	Goiânia
Ceará	98	Fortaleza
Chapecoense	79	Chapecó
Avaí	71	Florianópolis
CSA	Sem Dados	Maceió

Fonte: Elaboração do autor com base nos Balanços Financeiros dos Clubes

Dito isto, ao considerar o futebol como composto e componente da sociedade brasileira (DA MATTA, 1982), o emular das dinâmicas urbanas correntes é latente, uma vez que as oito melhores campanhas advém de clubes de capitais do Centro-Sul (São Paulo, Rio de Janeiro, Porto Alegre e Curitiba) que se utilizaram de suas vultuosas receitas para montar times competitivos e disputar o título, o que resulta numa maior veiculação de suas partidas e consigo contratos mais abastados para a próxima temporada.

Calcado nestas dinâmicas urbanas, o futebol brasileiro desenvolve-se a imitar tal lógica, desvalidando os argumentos do senso comum sobre a competitividade do certame, já que este cada vez mais é centrado nas mesmas cidades que, no discorrer do processo de urbanização, mantiveram-se como as cidades mais dinâmicas, por meio da difusão enviesada das infraestruturas pelo território nacional.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o apagar das luzes a mais um ano de futebol no Brasil, foi possível observar inúmeras discussões acerca deste esporte, desde os clássicos debates sobre as disposições táticas dos clubes participantes, até os crescentes debates como a LGBTfobia nos estádios. Todavia, pouco se analisou sobre a relação existente entre a rede urbana nacional e o cenário do futebol, embora haja uma destacada semelhança na distribuição espacial de ambos.

Amparado pela célebre frase atribuída a José Lins do Rego: “O conhecimento do Brasil passa pelo futebol”, este trabalho busca compreender em maiores detalhes a relação entre a distribuição de títulos no país e a rede urbana brasileira, a partir da primeira divisão do Campeonato Brasileiro de 2019. Para tanto, este trabalho almeja apreender as razões motivadoras da concentração espacial dos títulos na parcela Centro-Sul do país, através de um mergulho mais aprofundado nas dinâmicas do espaço urbano, e como que estas influem no cenário das agremiações de futebol.

Referente a sua realização, foi utilizado o cabedal teórico provido pelo materialismo histórico-dialético como método de pesquisa, deste modo o trabalho inicia-se ao abordar a relação entre o espaço urbano e o futebol a partir de uma escala mais abrangente, visando entender a lógica presente neste vínculo, para então se debruçar sobre o contexto brasileiro em mais detalhe. Com a dinâmica vigente salientada, o trabalho adentra o cenário nacional por meio do resgate da realidade corrente, para então explicar as causas de tal situação. Ao final, há o retorno para a concretude, trazendo consigo as explicações de tal disposição espacial.

No discorrer do texto, o desenvolvimento de diálogos entre a bibliografia e as informações advindas de tabelas, gráficos, e mapas é algo latente, uma vez que são nestas trocas que vai se construindo o entendimento perante a relação do espaço urbano com o futebol.

Como frutos de tal esforço, é possível ressaltar o âmago urbano deste esporte, uma vez que o seu desembarque no país se deu com a áurea de prática urbana civilizada europeia, que se difundiu pelo país segundo os principais centros urbanos da época. Logo, desde sua chegada ao Brasil, a distribuição espacial deste desporto já se deu de modo a obedecer a rede urbana estabelecida.

Sua difusão perante o interior brasileiro, também possui intrínseca relação ao processo de urbanização do país, pois foi a partir das infraestruturas construídas com o intuito de interiorizar o espaço urbano que o futebol popularizou-se. Ao disseminar-se a partir da expansão do espaço urbano, o futebol emula a distribuição espacial das principais aglomerações urbanas, uma vez que a concentração de participações e de títulos das agremiações ressalta as principais cidades da rede urbana brasileira.

Deste modo, ao observar as receitas alcançadas pelas agremiações componentes da primeira divisão do Campeonato Brasileiro de 2019, há o exacerbar das disparidades existentes, uma vez que as equipes do Sul-Sudeste possuem contratos mais vultuosos que as equipes Nordesteanas, o que possibilita aos clubes do Centro-Sul brasileiro montar plantéis mais competitivos. Tal dissemelhança nos valores obtidos, decorre do maior dinamismo econômico da porção meridional brasileira em comparação com as demais regiões, dada a maior densidade da rede urbana brasileira, logo, seus clubes possuem de maiores oportunidades comerciais para angariar patrocínios.

Em suma, ao considerar tais aspectos acerca do futebol, é notável a sua proximidade ao fenômeno urbano, pois são diversas as dimensões da prática futebolística que se assemelham a disposição espacial da rede urbana brasileira, aprofundando as discussões sobre este esporte para além das consagradas análises táticas dos clubes e os ditados do senso comum. Apesar de não se classificar como um prisma interpretativo tradicional, o cenário do futebol brasileiro representa com seus simbolismos muitas das dinâmicas urbanas correntes, uma vez que este esporte difundiu-se e desenvolveu-se a partir do urbano.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABREU, Alzira Alves de. **PLANO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO (PND)**. 2009. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpd/doc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/plano-nacional-de-desenvolvimento-pnd>. Acesso em: 27 fev. 2021.
- ARAÚJO, Tânia Bacelar de. “questão regional” e a “questão nordestina”. In: TAVARES, Maria da Conceição (org.). **Celso Furtado e o Brasil**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2000. p. 7-207.
- BALE, John. *Sports, space and the city*. Nova York: Routledge, 1993.
- BARRETO, Ilson Juliano. O surgimento de novas regiões metropolitanas no Brasil: uma discussão a respeito do caso de Sorocaba (SP). **Espaço e Economia. Revista brasileira de geografia econômica**, n. 1, 2012.
- BOARD, International Football Association. **History of The IFAB: institution and integration with fifa (1886 - 1914)**. Institution and integration with FIFA (1886 - 1914). 2021. Disponível em: <https://www.theifab.com/history/ifab>. Acesso em: 10 fev. 2021.
- BRAGA, Fernando Gomes. Migração interna e urbanização no Brasil contemporâneo: um estudo da rede de localidades centrais do Brasil (1980/2000). **Encontro Nacional de estudos populacionais**, v. 15, 2006.
- BRASIL. Ricardo de Menezes Barbosa. Banco Nacional do Desenvolvimento Econômico e Social. **A atuação histórica do BNDES: o que os dados têm a nos dizer?. o que os dados têm a nos dizer?**. 2018. Disponível em: file:///C:/Users/Operador/Documents/TD_123-AtuacaoHistorica_P_BD.pdf. Acesso em: 08 jan. 2021.
- BROWN, Matthew; LANCI, Gloria. **Football and urban expansion in São Paulo, Brazil, 1880-1920**. Sport in History, v. 36, n. 2, p. 162-189, 2016.
- BRITO, Fausto; DE PINHO, Breno Aloísio Torres Duarte. **Distribuição espacial da população, urbanização e migrações internas no Brasil**. Anais, p. 1-21, 2014.
- CANO, Wilson. **Raízes da concentração industrial em São Paulo**. 5. ed. Campinas: Unicamp, 2007. 310 p.
- CANO, Wilson. **Questão regional e urbanização no desenvolvimento econômico brasileiro pós 1930**. Anais, n. VI, p. 67-99, 2016.
- CARLOS, Ana Fani Alessandri. **Espaço-tempo na metrópole**. São Paulo: Contexto Acadêmica, 2001. 368 p.
- CARVALHO, José Alberto Magno de; GARCIA, Ricardo Alexandrino. **Estimativas decenais e quinquenais de saldos migratórios e taxas líquidas de migração no Brasil**. Belo Horizonte: CEDEPLAR-UFMG, 2003.

CIES FOOTBALL OBSERVATORY (Suíça). **Financial analysis of the transfer market in the big-5 European leagues (2010-2019)**. 2019. Disponível em: <https://football-observatory.com/IMG/sites/mr/mr47/en/>. Acesso em: 08 jan. 2021.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE FUTEBOL (Brasil). **Resolução da Presidência**. 2010. Disponível em: <https://conteudo.cbf.com.br/cdn/201210/2102238941.pdf>. Acesso em: 08 jan. 2021.

CORRÊA, Roberto Lobato. **A rede urbana**. 2. ed. São Paulo: Editora Ática, 1994. 96 p.

OLIVEIRA, Francisco. **Crítica à razão dualista/O ornitorrinco**. Boitempo editorial, 2003.

DA MATTA, Roberto. **Universo do futebol: esporte e sociedade brasileira**. Edições Pinakothke, 1982.

DATAFOLHA, Instituto. **Time de preferência**. 2019. Disponível em: <http://media.folha.uol.com.br/datafolha/2019/09/17/77975ecbd43522f8fe59b29b8f93d09atdp.pdf>. Acesso em: 05 dez. 2020.

DANCEY, Christine P. e REIDY, John. 2006. **Estatística Sem Matemática para Psicologia: Usando SPSS para Windows**. Porto Alegre, Artmed.

DI MÉO, Guy. “Introduction au débat sur la métropolisation: une clé de lecture pour comprendre l’organisation contemporaine des espaces géographique”. *Confins*, 2008, n. 4, s. p.

DINIZ, Clélio Campolina. **Desenvolvimento Poligonal no Brasil: Nem desconcentração, nem contínua polarização**. Nova Economia, Belo Horizonte, v. 1, n. 31, p. 35-64, set. 1993.

FAVERO, Paulo Miranda. **Os donos do campo e os donos da bola: alguns aspectos da globalização do futebol**. 2009. 117 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Geografia, Departamento de Geografia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

FEDERAL, Receita. **Taxas de câmbio, incluindo valor do dólar, para fins fiscais. Anos anteriores**. 2019. Disponível em: <https://receita.economia.gov.br/orientacao/tributaria/declaracoes-e-demonstrativos/ecf-escrituracao-contabil-fiscal/taxas-de-cambio-incluindo-valor-do-dolar-para-fins-fiscais-irpj-AC-anteriores>. Acesso em: 04 jan. 2021.

FIFA. **Financial Report**. Zurique: Fifa, 2019. 152 p.

FNEM. Fórum Nacional de Entidades Metropolitanas. **Entidades Metropolitanas**. 2020. Disponível em: <https://fnembrasil.org/entidades-metropolitanas/>. Acesso em: 10 fev. 2021.

FONSECA, Venilson Luciano Benigno. **Lugares e territórios na cultura do futebol brasileiro**. 2014. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2014.

FOUNDATION, Rec. Sport Soccer Statistics. **Brazil -- List of Champions of State Championships**. Disponível em: <https://rsssfbrasil.com/tablesae/brselcamp.htm>. Acesso em: 10 jan. 2021.

FREDERICO, Samuel. Modernização da agricultura e uso do território: a dialética entre o novo e o velho, o interno e o externo, o mercado e o estado em áreas de cerrado. **Geosp Espaço e Tempo (Online)**, São Paulo, v. 17, n. 2, p. 46-61, 2013.

G1. **Olimpíada de Tóquio é adiada para 2021 por causa do coronavírus**. 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2020/03/24/primeiro-ministro-do-japao-pede-para-adiar-olimpiadas-por-um-ano.ghtml>. Acesso em: 08 jan. 2021.

GLOBO, Rede. **BRASIL: cobertura**. COBERTURA. 2019. Disponível em: <https://negocios8.redeglobo.com.br/Paginas/Brasil.aspx>. Acesso em: 10 jul. 2019.

GLOBOESPORTE. **Lista de títulos dos campeões brasileiros: Palmeiras abre vantagem; veja ranking**. 2018. Disponível em: <https://globoesporte.globo.com/futebol/times/palmeiras/noticia/lista-de-titulos-dos-campeoes-brasileiros-ranking.ghtml>. Acesso em: 10 jun. 2020.

HANNERZ, Ulf. **Cultural complexity**: studies in the social organization of meaning. Nova Iorque: Columbia University Press, 1992. 347 p.

HARVEY, David. A pós-modernidade como uma condição histórica. In: HARVEY, David. **A condição pós-moderna**. Cambridge: Blackwell, 1990. p. 327-328.

HELLEU, Boris; DURAND, Christophe. La métropolisation du sport professionnel en Europe et en Amérique du Nord: une approche comparative. **Mappemonde**, Caen, v. 1, n. 88, p. 1-15, abr. 2007.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **IBGE divulga as estimativas da população dos municípios para 2019**. 2019. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/25278-ibge-divulga-as-estimativas-da-populacao-dos-municipios-para-2019>. Acesso em: 10 fev. 2021.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Oito municípios detinham 25% do PIB do país em 2018**. 2018. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/29728-oito-municipios-detinham-25-do-pib-do-pais-em-2018>. Acesso em: 10 fev. 2021.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Produto Interno Bruto dos Municípios - 2018**. 2018. Órgãos estaduais de estatística, Secretarias Estaduais de Governo e Superintendência da Zona Franca de Manaus - SUFRAMA. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101776_informativo.pdf. Acesso em: 09 fev. 2021.

IBGE Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Regiões de Influência das Cidades 2018**. 2018. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101728.pdf>. Acesso em: 10 fev. 2021.

KENNEDY, Peter; KENNEDY, David. **Football in Neo-Liberal Times**: a marxist perspective on the european football industry. Nova Iorque: Routledge, 2016. 175 p.

LEFEBVRE, Henri. **O direito à cidade**. 5. ed. São Paulo: Centauro Editora, 2008. 141 p.

LENCIONI, Sandra. **Reestruturação urbano-industrial: centralização do capital e desconcentração da metrópole de São Paulo**. 1991. 286 f. Tese (Doutorado em Geografia Humana) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH), Universidade de São Paulo, 1991.

LENCIONI, Sandra. (2011). **Referências analíticas para a discussão da metamorfose metropolitana**. In.: LENCIONI, S.; VIDAL-KOPPMANN, S.; HIDALGO, R.; PEREIRA, P.C.X. (Orgs.) Transformações sócio-territoriais nas metrópoles de Buenos Aires, São Paulo e Santiago. São Paulo: FAUUSP.

LIPIETZ, Alain. Fordismo, fordismo periférico e metropolização. **Ensaio FEE**, v. 10, n. 2, p. 303-335, 1989.

LOJKINE, Jean. **O estado capitalista e a questão urbana**. São Paulo: Martins Fontes, 1981. 337 p.

MARX, Karl. **O Capital-Livro 1: Crítica da economia política. Livro 1: O processo de produção do capital**. Boitempo Editorial, 2011.

MASCARENHAS, Gilmar. **Entradas e Bandeiras**: a conquista do Brasil pelo futebol. Rio de Janeiro: Editora Uerj, 2014. 254 p.

MENDONÇA, Renata. **Copa do Mundo feminina bate recorde e supera 1 bilhão de espectadores**. 2019. Disponível em: <https://dibradoras.blogosfera.uol.com.br/2019/10/18/copa-do-mundo-feminina-bate-recorde-e-supera-1-bilhao-de-espectadores/>. Acesso em: 08 jan. 2021.

MILLIET FILHO, Raul. **Cenários e personagens de uma arte popular: futebol brasileiro, hegemonia, narradores e sociedade civil**. 2009. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.

MOURA, Rosa; CINTRA, Anael Pinheiro de Ulhôa. Dinâmicas territoriais da população: primeiros resultados do Censo 2010. **Nota Técnica Ipardes**, n. 22, 2011.

NETTO, José Paulo. **Introdução ao estudo do método de marx**. São Paulo: Expressão Popular, 2011. 64 p.

RAVENEL, Loïc. **Hiérarchies urbaines, hiérarchies sportives: quand le football français s'écarte de la norme européenne**. *L'Espace géographique*, p. 339-348, 1998.

- RIBEIRO, Luiz Cesar de Queiroz; SILVA, Érica da Tavares; RODRIGUES, Juciano Martins. Metrópoles brasileiras: diversificação, concentração e dispersão. **Revista Paranaense de Desenvolvimento**, n. 120, p. 177-207, 2011.
- ROCHEFORT, Michel. **CIDADES E GLOBALIZAÇÃO**. Mercator, Fortaleza, v. 2, n. 1, p. 7-11, jan. 2002.
- SÃO PAULO. FUNDAÇÃO SEADE. **Pesquisa do Seade analisa a localização de sedes de grandes empresas**. 2014. Estatísticas elaboradas por: Valor Econômico (2013). Disponível em: <https://www.seade.gov.br/pesquisa-do-seade-analisa-a-localizacao-de-sedes-de-grandes-empresas/>. Acesso em: 10 fev. 2021.
- SANTOS, Irlan Simões da Cruz. **Clientes versus Rebeldes**. Rio de Janeiro: Editora Multifoco, 2017. 336 p.
- SANTOS, Milton. **A urbanização brasileira**. São Paulo: Editora Hucitec, 1993. 157 p.
- SANTOS, João Manuel Casquinha. Malaia. **Campeonato Brasileiro de Seleções: economia de um projeto nacional (1922-1932)**. Revista de História Econômica & Economia Regional Aplicada, v. 6, n. 10, 2010.
- SMITH, Neil. **Desenvolvimento Desigual**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1988. 250 p.
- SOUSA, Eduardo de. **FAQs da Libertadores: o que você precisa saber sobre as novas regras. 2016**. Disponível em: <http://ge.globo.com/futebol/libertadores/noticia/2016/10/faqs-da-libertadores-o-que-voce-precisa-saber-sobre-novas-regras.html>. Acesso em: 15 jun. 2020
- SOUZA, José Gilberto de; BORGES, Ana Claudia Giannini. As determinações territoriais da lógica do valor e do autovalor – análise da produção de soja no Mato Grosso – Brasil. **Iberografias**, Lisboa, v. 32, n. 1, p. 247-270, mar. 2017.
- SOUZA, José Gilberto de; FULINO, Raquel. A QUESTÃO DO MÉTODO. **Caminhos de Geografia**, Uberlândia, p. 1-15, 15 dez. 2020. EDUFU - Editora da Universidade Federal de Uberlândia. <http://dx.doi.org/10.14393/rcg0058464>.
- SOUZA, José Gilberto.; BORGES, Ana. Claudia. Giannini. . Cidade e agronegócio: da ideologia à materialidade da produção urbana do valor. **Produção Acadêmica**, v. 5, p. 23-54, 2019.
- SUPREMO TRIBUNAL FEDERAL (Brasil). **Rejeitado recurso do Flamengo sobre título brasileiro de 1987**. 2016. Disponível em: <http://stf.jus.br/portal/cms/verNoticiaDetalhe.asp?idConteudo=311893>. Acesso em: 08 jan. 2021.
- SPOSITO, Maria da Encarnação. **Capitalismo e Urbanização**. São Paulo: Editora Contexto, 1988. 75 p.

THE ECONOMIST. **The world's most valuable resource is no longer oil, but data:** the data economy demands a new approach to antitrust rules. The data economy demands a new approach to antitrust rules. 2017. Disponível em: <https://www.economist.com/leaders/2017/05/06/the-worlds-most-valuable-resource-is-no-longer-oil-but-data>. Acesso em: 08 jan. 2021.

THÉRY, Hervé. **FUTEBOL E HIERARQUIAS URBANAS NO BRASIL**. Mercator, Fortaleza, v. 5, n. 9, p. 7-16, dez. 2006.

TRANSFERMARKT. **Transfermarkt**. 2020. Disponível em: <https://www.transfermarkt.com.br/>. Acesso em: 10 out. 2019.

VALE, ANA LIA FARIAS; LIMA, LUÍS CRUZ; BONFIM, MARIA GEOVANÍ. **Século XX: 70 anos de migração interna no Brasil**. Textos e Debates, v. 1, n. 7, 2012.

VASCONCELOS, Artur Alves de. **“Eu Tenho Dois Amores que em Nada São Iguais”:** Bifiliação Clubística no Nordeste. Ponto Urbe. Revista do núcleo de antropologia urbana da USP, n. 14, 2014.